



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A ÓTICA DO ENSINO ONLINE PARA
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PERSPECTIVAS E
DESAFIOS**

Laura Cristiana Machado

Asunción – Paraguay

2023

LAURA CRISTIANA MACHADO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A ÓTICA DO ENSINO ONLINE PARA
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PERSPECTIVAS E
DESAFIOS**

Tese apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

Asunción - Paraguay

2023

Machado, Laura Cristiana.2023

Educação inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual:

perspectivas e desafios.

p.126

Tutor: Prof. Dr. José Antonio Torres

Maestría em Ciencias de la Educación

Universidad Autónoma de Asunción.2023

Área: Deficiência. Deficiência Intelectual. Professor. Tecnologias.

LAURA CRISTIANA MACHADO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A ÓTICA DO ENSINO ONLINE PARA ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

Esta dissertação foi avaliada e aprovada em ____/____/____ para obtenção de
Mestrado en Ciência de la Educación pela Universidad Autónoma de Asunción - UAA

Miembros de la Mesa Examinadora

Nombre

Firma

Prof. _____

Prof. _____

Prof. _____

Nota final: _____

DEDICATÓRIA

Aos colegas que conviveram comigo no percurso desta formação, agradeço por todos os momentos de aprendizagem e parceria, e ainda ao meu filho por confiar em mim, e se sujeitar a solidão na minha ausência, a eles dedico este projeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me manter neste percurso com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grata à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida, em especial nesta formação.

Um agradecimento especial ao meu orientador pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa.

Também quero agradecer à Universidade Autônoma de Assunção e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

“A inclusão é um processo democrático integral, que envolve a superação efetiva das condições políticas, econômicas, sociais e culturais que historicamente produzem a exclusão”

(Gentili, 2009, p. 30).

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de pais e Amigos dos Excepcionais
CIDID	Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens
CEB	Câmara de Educação Básica
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
DI	Deficiência Intelectual
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EE	Educação Especial
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ISO	Organização Internacional para Padronização
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PA	Professor de Apoio
PCNS	Parâmetro Curriculares Nacionais
QI	Quociente de Inteligência
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais
TA	Tecnologia Assistiva
TICs	Tecnologia da Informação e Comunicação
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE FIGURAS

Figura n.º 01	A participação da família na escola no processo de inclusão escolar.....	22
Figura n.º 02	Site Escola Games.....	31
Figura n.º 03	Wordwall.....	32
Figura n.º 04	Telas com atividades do HVirtua.....	34
Figura n.º 05	Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela n. ° 01	Estrutura física da Instituição escolar.....	37
Tabela n. ° 02	Distribuição do pessoal e seus respectivos cargos.....	38
Tabela n. ° 03	Participantes da Pesquisa.....	41
Tabela n. ° 04	A aceitação do aluno com deficiência pelos professores da sala regular.....	48
Tabela n. ° 05	Inclusão e aula online.....	49
Tabela n. ° 06	As dificuldades encontradas pelo professor no ensino com as tecnologias.....	51
Tabela n. ° 07	A participação da família no contexto das aulas online.....	52
Tabela n. ° 08	O investimento da escola na formação docente.....	54
Tabela n. ° 09	As tecnologias e a formação do professor da sala regular.....	55
Tabela n. ° 10	A aprendizagem escolar no ensino online.....	56
Tabela n. ° 11	A adaptação do conteúdo escolar.....	57
Tabela n. ° 12	O uso de softwares educativos no processo do ensino online.....	58
Tabela n. ° 13	A articulação do professor da sala de aula com o professor de apoio.	59
Tabela n. ° 14	Lacunas na formação docente.....	61
Tabela n. ° 15	Estratégias utilizadas pelo professor para incluir o aluno no ensino online.....	62
Tabela n. ° 16	As tecnologias disponíveis na escola.....	63

APÊNDICES

- Apêndice n. ° 1 Carta de apresentação
- Apêndice n. ° 2 Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE
- Apêndice n. ° 3 Validação dos instrumentos de pesquisa
- Apêndice n. ° 4 Entrevista do professor do ensino regular (Ensino Médio)
- Apêndice n. ° 5 Entrevista do professor de apoio a inclusão

RESUMEN

El presente trabajo tiene o objetivo analizar cómo se produjo la articulación entre la inclusión de estudiantes con discapacidad intelectual en la educación en línea y la importancia de las tecnologías en el proceso emergente de enseñanza y aprendizaje, teniendo como locus el Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre en Goiás. El tema que guía este estudio es si el docente de educación regular está preparado para mediar conocimientos con estudiantes con discapacidad intelectual, utilizando recursos tecnológicos en el sistema de educación en línea. La investigación es de carácter cualitativa con enfoque descriptivo, y el instrumento aplicado para la recolección de datos fue la entrevista a 09 docentes de secundaria y 03 docentes de apoyo a la inclusión, siendo la población total. La relevancia de este estudio se debe a que la inclusión de estas personas en el ambiente escolar es importante, pero sigue siendo un desafío para la familia y la escuela. Los análisis obtenidos apuntan que el principal responsable de la inclusión de los alumnos con discapacidad intelectual en esta escuela es el docente de apoyo a la inclusión. Creemos que los docentes de secundaria en el aula regular aún no han entendido el verdadero significado de la inclusión y su rol, y que su formación académica no los ha preparado para el uso de los recursos tecnológicos. Finalmente, creemos que el resultado de este estudio puede contribuir al sistema educativo de Goiás, buscando trabajar con la escuela y con la familia, la importancia de las tecnologías, orientando el papel que cada uno juega en el proceso de inclusión escolar.

Palabras clave: Discapacidad. Discapacidad intelectual. Maestro. Tecnologías.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo analisar como se deu a articulação entre a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino online e a importância das tecnologias no processo emergente do ensino e da aprendizagem, tendo como *locus* o Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre em Goiás. A problemática que norteia este estudo é se o professor do ensino regular se encontra preparado para mediar o conhecimento com os alunos com deficiência intelectual, utilizando os recursos tecnológicos no sistema de ensino online. A pesquisa é de cunho qualitativo com abordagem descritiva, e o instrumento aplicado para coleta de dados foi o entrevista para 09 professores do Ensino Médio e 03 Professores de Apoio a Inclusão, sendo a população total. A relevância desse estudo se dá por conceber-se que a inclusão dessas pessoas no ambiente escolar é importante, mas, continua sendo um desafio posto a família e a escola. As análises obtidas apontam que o principal responsável pela inclusão de alunos com deficiência intelectual nessa escola, é o professor de apoio a inclusão. Consideramos que os professores do Ensino Médio da sala regular, ainda não tem compreendido o verdadeiro sentido da inclusão e de seu papel, e que sua formação acadêmica não lhes preparou para o uso dos recursos tecnológicos. Por fim, acreditamos que o resultado desse estudo, possa contribuir para que o sistema de educação de Goiás, busque trabalhar com a escola e com a família, a importância das tecnologias, direcionando o papel que cada um exerce no processo de inclusão escolar.

Palavras-chave: Deficiência. Deficiência Intelectual. Professor. Tecnologias.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the articulation between the inclusion of students with intellectual disabilities in online education took place, and the importance of technologies in the emerging process of teaching and learning, having as its locus the Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre in Goiás. The issue that guides this study is whether the regular education teacher is prepared to mediate knowledge with students with intellectual disabilities, using technological resources in the online education system. The research is qualitative with a descriptive approach, and the instrument applied for data collection was the open interview for 09 high school teachers and 03 Inclusion Support Teachers, being the total population. The relevance of this study is due to the fact that the inclusion of these people in the school environment is important, but it remains a challenge for the family and the school. The analyzes obtained point out that the main person responsible for the inclusion of students with intellectual disabilities in this school is the inclusion support teacher. We believe that secondary school teachers in the regular classroom have not yet understood the true meaning of inclusion and their role, and that their academic training has not prepared them for the use of technological resources. Finally, we believe that the result of this study can contribute to the education system of Goiás, seeking to work with the school and with the family, the importance of technologies, directing the role that each one plays in the process of school inclusion.

Keywords: Disability. Intellectual Disability. Teacher.

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas.....	viii
Lista de Figuras.....	ix
Lista de Tabelas.....	x
Apêndices.....	xi
Resumen.....	xii
Resumo.....	xiii
Abstract.....	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
I MARCO TEÓRICO.....	5
1.1 Um breve histórico das pessoas com deficiências intelectual no Brasil.....	5
1.2 O ensino online no paradigma da educação inclusiva.....	10
1.3 O papel da escola no processo de inclusão escolar.....	13
1.3.1 A formação do professor da sala regular no contexto inclusivo.....	15
1.4 O professor do Atendimento Educacional Especializado.....	17
1.5 As atividades do Professor de Apoio no processo de ensino online	19
1.6 O papel da família no processo das aulas online.....	21
1.7 Níveis de deficiência intelectual.....	24
1.8 A importância das tecnologias assistivas no processo de inclusão.....	26
1.8.1 Alguns softwares/site online que contribuem para a melhoria da aprendizagem de quem possui deficiências intelectual.....	28
1.8.1.1 O Escola Games.....	30
1.8.1.2 O Wordwall.....	31
1.8.1.3 O HVirtua.....	33
II MARCO METODOLÓGICO.....	35
2.1 Perguntas específicas	35
2.2 O problema da investigação.....	35
2.3 Objetivos da pesquisa.....	36
2.3.1 Objetivo geral.....	36
2.3.2 Objetivos específicos.....	36

2.4 Contexto Espacial e Socioeconômico da pesquisa.....	37
2.4.1 Delimitação da pesquisa.....	37
2.5 Participantes da pesquisa.....	39
2.5.1 Professor.....	40
2.5.2 Professor de Apoio a Inclusão.....	40
2.6 Tipo e enfoque da pesquisa.....	42
2.7 Técnicas e Instrumentos utilizados para a coleta de dados.....	43
2.7.1 Entrevista Estruturada	44
2.8 Elaboração e Validação dos Instrumentos da Pesquisa.....	44
2.9 Procedimentos para a coleta de dados.....	45
III ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	47
3.1 Resultados de entrevistas a professores de sala de aula Regular.....	47
3.2 Resultados de entrevistas a professores de apoio.....	65
CONCLUSÕES.....	73
PROPOSTAS.....	76
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES.....	91

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem sido um tema que tem cada vez mais se fortalecido no meio social, atuando na contramão do preconceito e da discriminação, malefícios esses, que ainda tem permeado a nossa sociedade. A esse respeito Cintra, et al., 2013, p. 3), pontuam que:

É fato que, a cada ano, a educação especial assume uma importância cada vez maior, dentro da perspectiva de atender às exigências de uma sociedade em contínuo processo de transformação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação de sua plena cidadania. Somos todos iguais no sentido de usufruir os mesmos direitos e deveres, nunca se valorizou tanto o direito de cada ser humano viver e agir conforme suas características individuais (Cintra, et al., 2013, p. 3).

As palavras dos autores, revelam que na atual sociedade, todos os seres humanos independente de cor, religião, gênero e classe social, possuem os mesmos direitos de viver de forma digna e usufruir de um ensino com qualidade e equidade. No entanto, para que isso ocorra, depende muito das políticas que são implementadas, e da ação de quem está à frente desse fazer.

A segregação social vivida por milhares de pessoas com deficiência no Brasil, causou indignação nas pessoas, principalmente aquelas que sentiam “na pele” o processo de exclusão, o que culminou na criação de leis e decretos que abraçam a inclusão na sociedade e na escola enquanto parte fundamental dessa.

Apesar do processo de inclusão ter sido uma ação benéfica, é preciso atentar-se que para que a escola garanta a aprendizagem dos alunos com deficiência é preciso fortalecer a formação dos professores e criar-se uma rede de apoio entre alunos, professores gestores, coordenadores pedagógicos, famílias e demais profissionais que atuam na escola. Enfim, se faz necessário que todos estejam preparados e conectados entre si. Com essa base unida, a inclusão tende a se fortalecer, colaborando para que a escola ofereça um ensino igualitário, oportunizando a todos, o convívio sadio e digno, pautados nos princípios da educação inclusiva que é: Toda pessoa

tem o direito de acesso à educação; Toda pessoa aprende; O processo de aprendizagem de cada pessoa é singular; O convívio no ambiente escolar comum beneficia todos; A educação inclusiva diz respeito a todos (Brasil, 2006). Esses princípios dá a escola a oportunidade de acolher a todos, oferecendo diversos suportes aos alunos que têm barreiras de aprendizagem, por terem deficiências seja ela física, motora, intelectual, visual, auditiva dentre outras. Agindo assim a escola inclusiva acaba sendo uma forma de melhorar a educação, gerando grandes resultados que colaboram para a maioria desses alunos se insiram no mercado de trabalho, fato que vem se observando segundo Garcia (2014).

Como já dito anteriormente, esse movimento da inclusão se deu devido a trajetória histórica na qual as pessoas que tinham deficiência, buscavam maneiras de obter a sua sobrevivência tanto material como a social, superando suas limitações, indo de encontro ao preconceito que a sociedade lhes impunha, na qual fazia-se acreditar que elas não possuíam capacidades de desenvolver seu cognitivo e assim socializar-se. Essa concepção, vem aos poucos sendo abolida, tendo em vista que, dependendo dos estímulos a elas oferecidos, podem desenvolver todas as suas habilidades que ora estejam comprometidas. Esse entendimento, se tornou mais visível nos últimos anos, em razão da crise mundial, por ocasião do Coronavírus tornando ainda mais visíveis, a potencialidade que essas pessoas tem, quando se fala em aprender mediado pelas tecnologias.

Neste contexto, a pandemia colocou toda escola a nível mundial frente a um dilema que foi tentar manter o serviço a qual ela se dispôs, ou seja, a oferta de um serviço com qualidade e igualdade. Para isso, foi preciso fazer-se adaptações, essas advindas de ações muitas vezes não planejadas, mas, no intuito de não deixar professores, alunos e família longe do calor da escola. Nesse sentido, a escola enfrentou um grande desafio, que foi ofertar um ensino à distância em que o uso das ferramentas tecnológicas, foi o principal mediador entre os tríplices elementos (professor, aluno e família).

Diante desse novo cenário causado pela pandemia, as tecnologias passaram fazer parte de vida das pessoas, desde as mais simples tarefas até as complexas, para todas as idades e classes sociais. No ambiente escolar as tecnologias antes esquecidas, tiveram de ser resgatadas, como instrumento utilizado para mediar o conhecimento e a comunicação entre família, escola

e alunos. Nesse panorama, a figura do professor toma um novo norte, um novo papel, pois é ele o responsável pela continuidade a oferecer seu serviço, que é o de ensinar para todos.

Apesar dessa importância que o professor tem no processo do ensino online, podemos perceber que houve lacunas de uma forma geral na aprendizagem escolar, e se deu pelos mais diversos fatores, entre estes está a falta da formação do professor para trabalhar com as tecnologias, e em especial para os alunos que tem deficiência intelectual.

Problematizando essa realidade, de acordo com Saviani e Galvão (2021, p. 42), no período da pandemia,

[...] ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga-horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, podcasts, webinários etc.

Para os autores, no ensino durante a pandemia, tudo ficou encurtado, acarretando numa série de problemas para a família, para a escola e para o aluno.

Com essa explanação, esse estudo está estruturado além dessa introdução, em três capítulos, a seguir:

O primeiro capítulo, refere-se ao Marco Teórico começando -se com um passeio bibliográfico sobre a vida das pessoas com deficiência intelectual no Brasil, apontando os desafios encontrados por elas e como a sociedade a viam. Logo em seguida, debruça-se sobre o período da pandemia e a utilização do ensino online no paradigma da educação inclusiva, pontuando alguns aspectos que colaboravam para que esse tipo de ensino não alcançasse seu propósito. A seguir enveredamos pelo papel da escola no processo de inclusão escolar, discutindo-se que ela precisa de forma urgente preparar não somente o professor, mas todo os seus funcionários, entendendo-se que a inclusão é um processo complexo, mas que necessita ser abraçada por todos. Continuando o marco teórico, buscamos as teorias de alguns autores para fundamentar a importância da formação do professor da sala regular no contexto inclusivo. Neste tópico, salienta-se que o professor deve estar sempre em processo de formação para

poder atender aos anseios da sociedade atual. Pontua-se logo em seguida as características do professor do Atendimento Educacional Especializado e sua relevância no processo de inclusão. Ainda nessa garimpagem, discutimos o papel que o professor de apoio tem na sala de aula inclusiva e suas limitações pedagógicas, bem como a colaboração da família no processo das aulas online, suas dificuldades e limitações. Logo adiante, busca-se mostrar a relevância das tecnologias assistivas como recurso de melhoria das aprendizagens dos alunos com deficiência intelectual, descrevendo alguns softwares utilizado online, seus objetivos e contribuição na melhoria da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais, entre esses está: o Escola Games, o Wordwall e o HVirtua. Dando continuidade ao processo investigativo, buscou-se conceituar os níveis de deficiência intelectual de acordo Classificação Internacional das Doenças, da Organização Mundial da Saúde (1989).

No segundo capítulo apresenta-se o Referencial Metodológico, justificando-se a escolha do tema da investigação; o problema e o objetivo geral e os específicos. Desenha-se o modelo da pesquisa, apresentando o contexto social econômico da unidade pesquisada, a população e a amostra, bem como a validação dos instrumentos, determinando-se as variáveis, a técnica e o instrumento da pesquisa.

No terceiro capítulo, discorre sobre a coleta, análise e interpretação dos resultados, que foram analisados a luz de alguns teóricos que fundamentavam o que foi apurado.

Por último realiza-se as conclusões finais da investigação apontando-se as propostas que pode contribuir para estudos posteriores.

CAPÍTULO I

1 MARCO TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar um breve histórico das pessoas com deficiência no Brasil, bem como dialogar sobre o processo do ensino online no período da pandemia do novo Coronavírus e da inclusão escolar dos alunos com deficiência intelectual, além de discuti-se a importância da família no contexto inclusivo e tecnológico, como também o papel do professor de apoio e da formação docente no contexto das tecnologias assistivas.

1.1 Um breve histórico das pessoas com deficiências intelectual no Brasil

Estudos apontam que o histórico das pessoas com deficiência intelectual no Brasil foi marcado por muito descaso e negligência pela sociedade, principalmente para aquelas menos afortunadas. Essas pessoas viviam longe do convívio social e eram consideradas como ineducável, e mesmo “os mais afortunados viviam trancados atrás dos portões de suas grandes mansões, segregados do convívio social e da política” (Pereira e Saraiva, 2017, p. 178). Foram décadas de puro sofrimento e de exclusão para ambas as classes sociais (ricos e pobres). Dito de outra forma, a sociedade excluía todo aquele que fugia dos padrões estabelecidos por ela.

Outro fato que marcou a história dessas pessoas, se deu pelo desconhecimento das causas e consequências de sua deficiência pela medicina, pela sociedade e pela própria família, levando-as a serem ignoradas, diante de suas dores, seus apelos e sonhos. Para Garcia (2011, s/p):

O grau de desconhecimento sobre as deficiências e suas potencialidades, porém, permaneceu elevado na primeira metade do século XX, o que se percebe pelo número considerável de pessoas com deficiência mental tratadas como doentes mentais. A falta de exames ou diagnósticos mais precisos resultou numa história de vida trágica para milhares de pessoas nesta condição, internadas em instituições e completamente apartadas do convívio social.

Até então, a (s) causa (s) ainda continua(m) como desconhecida(s), apenas relatos e experiências dão conta de que a Deficiência Intelectual (DI) vem sendo caracterizada por importantes limitações no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, que se apresenta no indivíduo antes dos 18 anos de idade, como relata o manual dos Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE, 2022).

De acordo com a APAE.

Um dos desafios no diagnóstico da Deficiência Intelectual é estabelecer claramente a origem ou identificar a causa da Deficiência. Em cerca de 40% dos casos, não é possível determinar exatamente qual a causa. No entanto, sabe-se que existem fatores de risco que podem levar à Deficiência e estes fatores são multifatoriais, compostos de quatro categorias: biomédicos, sociais, comportamentais e educacionais. Os fatores podem ser descritos de acordo com o momento de ocorrência, como: pré-natais (durante a gestação), perinatal (no momento do parto) e pós-natais (após o nascimento) (2022, p. 1).

Em consonância com o que diz a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), estabelece o conceito de deficiência como sendo uma restrição do indivíduo que dura por um período longo de tempo, conforme está descrito em seu Artigo 2.º considerando que : [...] a “ pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015, p. 1).

Já a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens - CIDID (ISO, 2007) diz que deficiência é qualquer perda ou anormalidade relacionada à estrutura ou à função psicológica, fisiológica ou anatômica. Trata-se de uma condição e não de uma doença. No caso, quem nasce com deficiência intelectual sempre será uma pessoa que possui DI.

Nesse direcionamento, é oportuno enfatizar que a deficiência sempre foi vista como tabu, e pela falta de conhecimento dos direitos que essas possuíam, algumas pessoas tinham até medo de se aproximar delas por acreditarem que poderiam machucá-las, e também por compreendê-las como "pessoas loucas". Essa falta de esclarecimento e concepção, prejudicou em muito a relação dessas com o mundo de um modo geral colocando-o em situação de adversidades e de segregação.

O fato é que, ao longo de nossa história, assim como ocorreu em outros países, a deficiência foi tratada em ambientes hospitalares e assistenciais. Ao estudar o assunto, os médicos tornavam-se os grandes especialistas nessa seara e passavam a influenciar, por exemplo, a questão educacional das pessoas com deficiência, tendo atuação direta como diretores ou mesmo professores das primeiras instituições brasileiras voltadas para a população em questão Garcia, 2011, s/p).

Nos dias atuais, com a democratização do espaço escolar de modo a atender a todos de modo igual, respeitando-se o direito de cada um, anseio esse que reza na Constituição Federal de 1988 e a concepção de que a pessoa com deficiência não aprende, aos poucos vem sendo superada.

Nas palavras de Piovesan (2013):

A Carta de 1988 institucionaliza a instauração de um regime político democrático no Brasil. Introduz também indiscutível avanço na consolidação legislativa das garantias e direitos fundamentais e na proteção de setores vulneráveis da sociedade brasileira. A partir dela, os direitos humanos ganham relevo extraordinário, situando-se a Carta de 1988 como o documento mais abrangente e pormenorizado sobre os direitos humanos jamais adotado no Brasil.

Devido a outros documentos norteadores do fazer escolar, já se vislumbra a inclusão dessas pessoas na escola mesmo percebendo-se que ela venha ocorrendo de forma muito lenta e com características que a educação inclusiva abomina. Inserir é diferente de incluir. A

inclusão, requer “uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral” (Mantoan, 2003, p. 16) e isso ainda não vem sendo observado dentro das escolas de um modo geral.

Nas palavras de Sasaki (2003, p. 15) “a Educação inclusiva é o conjunto de princípios e procedimentos implementados pelos sistemas de ensino para adequar a realidade das escolas à realidade do alunado que, por sua vez, deve representar toda a diversidade humana” e por isso mesmo, a escola precisa se preparar para receber esse aluno de forma humanizada democraticamente. Consoante, ao processo de democratização da escola, esse tem se mostrado um paradoxo existente entre a inclusão e a exclusão, e se dar quando os sistemas de ensino garantem a universalização do acesso (Brasil, 1996), mas não em sua plenitude, pois aqueles que não se enquadram nos padrões definidos e almejados pela escola, mesmo que estejam inseridos em seu espaço, continuam por ela sendo excluídos, ferindo assim o princípio da escola inclusiva na qual:

[...] consiste em que todas as pessoas devem aprender juntas, onde quer que isso seja possível, não importam quais dificuldades ou diferenças elas podem ter. Escolas inclusivas precisam reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com suas comunidades (Declaração de Salamanca, 1994, p. 11-12).

É importante salientar que a inserção da pessoa com deficiência intelectual no sistema de ensino é fruto também do clamor de uma sociedade que buscava a todo instante oportunidades equitativas. A entrada dessas pessoas na escola só se tornou possível devido aos movimentos realizados em defesa dos direitos para todos, como “fraternidade” e “liberdade” possibilitando a alguns países iniciarem discussões que visavam garantir à igualdade para as pessoas com deficiência, e a partir desse período, foram elaborados documentos internacionais que até hoje norteiam a educação inclusiva (Santos e Barbosa, 2016). Entre esses documentos estão a Declaração de Jomtien de 1990, que aconteceu na Tailândia, na qual o Brasil fez parte

e ainda pode-se destacar a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade; organizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (1990). Também outros documentos oficiais foram elaborados como a: Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – Lei 9394/96 (Brasil, 1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a Lei Nº 8.069 (Brasil, 1990), a Convenção sobre os Direitos da pessoa com deficiência (Brasil, 2009), entre outros. Tais documentos enfatizam a importância do respeito, a tolerância e a inclusão dessas pessoas no âmbito escolar.

A partir da elaboração desses documentos e com a implantação de diferentes políticas nacionais vieram contribuir para suavizar o processo de exclusão. A inclusão não deixa de ser uma ação positiva, porque em uma sociedade que se diz inclusiva, segregar as pessoas que possuem deficiências, é um retrocesso.

Um outro dispositivo que enfatiza a inclusão criado em 1999, foi o Decreto nº 3.298 que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, que define a Educação Especial (EE) como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, dando ênfase a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

A Constituição Federal (CF) (Brasil, 1988) define, no seu artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. E no seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”, como um dos princípios para o ensino e, garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (Art. 208). Esse direito muitas vezes tem sido negado, devido à ausência de profissionais capacitados para atuar com a inclusão e da falta de preparo de toda a escola. Esse fato ocorre em todas as escolas públicas, seja ela municipal ou estadual, em todas as modalidades de ensino que elas ofertam (educação infantil, ensino fundamental e o ensino médio). É uma realidade muito presente nos dias atuais.

Segundo Mantoan (2003, p. 12), a inclusão “implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo”. Essa mudança se dá começando pelo acolhimento, pelo preparo de toda a escola e em especial do professor. Esse preparo ainda não tem sido concretizado nas unidades de ensino, colocando o

processo de inclusão em xeque. Esse entendimento vai ao encontro do dizem Santos e Balbino (2015, p. 6), ao admitir que muitas escolas continuam a receber os estudantes com, “deficiência, isolando-as das demais, privando-as de um verdadeiro ambiente escolar, de aprendizagem, com a prática de esporte, artes, desenhos, pintura, música, literatura, na verdade estão impedindo que haja o processo de ensino aprendizagem a todos”. Buscando novamente o entendimento de conforme Mantoan (2003, p.18) a autora afirma que:

A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas — sempre se avalia o que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, enfim.

Assim, a escola, precisa operar mudanças imediatas de modo que favoreça a tomada de atitudes, que resulte na verdadeira inclusão, cujo foco deve ser o de conciliar o princípio de igualdade de oportunidade e da aceitação da diferença, respeitando a vivência de vida de cada um, sua identidade, proporcionando a educação como direito social e individual. É importante destacar ainda que a inclusão “consiste em adequar os sistemas sociais gerais da sociedade de tal modo que sejam eliminados os fatores que excluía certas pessoas do seu seio e mantinham afastadas aquelas que foram excluídas” (Sasaki, 2009, p. 21). Esta mesma linha de pensamento tem Prieto (2006) ao afirmar que a educação inclusiva pretende valorizar a diversidade, buscando incluir todos na sala de aula, ofertando as melhores metodologias de modo que, levem os alunos a aprenderem.

1.2 O ensino online no paradigma da educação inclusiva

No contexto atual o da crise sanitária pelo qual o mundo vem passando, a escola passou por um período de aproximadamente dois anos precisando tomar outra direção para não deixar de lado a oferta de seu serviço, que é formar cidadãos críticos e atuantes numa sociedade de profundas mudanças sociais, na qual as tecnologias tem sido o cerne dessa mesma sociedade. Para isso, deixou de lado um ensino que acontecia por completo de forma presencial e passou a utilizar o ensino online, utilizando para isso as tecnologias digitais da informação e

comunicação (TDIC), tecnologias essas, considerada muitas vezes como uma inimiga da própria escola, por grande parte dos professores.

Para Moran (2012, p. 35), “o professor precisa aprender a trabalhar com tecnologias sofisticadas e tecnologias simples; com internet de banda larga e com conexão lenta; com videoconferência multiponto e teleconferência; com softwares de gerenciamento de cursos comerciais e com softwares livres”, principalmente no contexto do ensino online em que as aulas são realizadas à distância. Esse tipo de ensino causou “um impacto muito grande em todo o contexto escolar, fazendo com que professores e alunos tivessem que se ajustar rapidamente às novas formas de ensinar e aprender” (Brasil, 2020, p. 2).

Nesse viés, a maioria dos professores que de alguma forma não possuíam e ainda não possuem habilidades tecnológicas, encontraram dificuldades na execução de suas práticas no saber escolar. Na mediação das aulas com os alunos com deficiência intelectual, o problema foi maior, pois, se já era difícil ministrar aulas para os alunos “sem deficiências” utilizando os recursos tecnológicos, para os alunos inclusos tornou-se mais complicado, porque como afirma Mendes (2020, p. 6), “grande parte dos professores brasileiros não tem conhecimento técnico ou pedagógico para implantação do ensino on-line”. Nessa direção, “e imperioso reconhecer [...]” que “a pandemia trouxe à tona algo que estava sendo invisibilizado: a forma inadequada e desprezível que a escola, especialmente a pública, tem sido tratada em detrimento de sua especificidade em prol do mercado da educação” (Mascarenhas e Franco, 2020, p. 4). Essa constatação se deve em especial na falta de preparação do professor, como também na escassez de recursos tecnológicos dentro das famílias e a própria falta de conhecimento tecnológico que esta instituição não possui.

Nesse emaranhado de entraves, é preciso antes de tudo compreender que o ensino online tem como premissa, “experimentar novas técnicas de ensino e aprendizagem por meio do uso da tecnologia e de práticas on-line, essas novas técnicas permitem ao aluno ser protagonista do seu aprendizado” (Brasil, 2016), dependendo é claro da postura do professor. Para Garcia et al., (2020) esse tipo de ensino [...] “permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras” (p. 5). Nesse sentido, pode inferir que a tecnologia tem favorecido a melhoria da qualidade de vida das pessoas, porque

é por meio dela que as pessoas com deficiências têm procurado cada vez mais inserir-se numa sociedade preconceituosa que discrimina e aponta aquele menos favorecidos.

Na educação inclusiva as ferramentas tecnológicas são fundamentais e “[...] deve ser obrigatório, já que muitos estudantes precisam desse meio para aprender, para mostrar seu potencial, é que o uso das tecnologias além de possibilitar uma aprendizagem significativa, aproxima e fortalece a relação professor-estudante” (Mendonça, 2020, p.4). Essa relação não pode estar desvinculada do ato de aprender e ensinar por meio das tecnologias.

As TDICs podem servir de acordo com a experiência do professor, como um instrumento de equidade social, minimizando as diferenças, criando possibilidades de participação igualitária na vida social, o que contribuirá para a eliminação de barreiras, tendo-se como a priori o respeito às diferenças. Assim no ensino online, o professor poderá construir juntos com os alunos, novas possibilidades de ensinar e aprender. Para tal, se faz emergente conhecer, explorar e escolher quais melhores ferramentas tecnológicas se adequam a realidade cognitiva de cada necessidade específica do aluno, e assim, fazer desse tipo de ensino uma boa experiência que traz novos significados a ação pedagógica do professor.

Para Marzari (2014, p. 3):

Em face dos novos papéis assumidos tanto pelos educadores quanto pelos aprendizes, surge um novo contexto de ensino e aprendizagem, em que os métodos tradicionais que se utilizam unicamente da voz do professor, do quadro-negro, do giz e do livro didático não atendem mais aos interesses e às expectativas dos alunos. Isso porque parcela significativa desses discentes está inserida e conectada ao mundo virtual, o qual lhes oferece uma gama de possibilidades de comunicação e interação potencialmente com pessoas do mundo todo. Dessa forma, é necessário que os professores se tornem digitalmente letrados: além de conhecer as inúmeras possibilidades existentes, esses docentes precisam saber utilizá-las pedagogicamente de modo eficiente, sem ser necessariamente usuários especialistas, mas sem se restringir à reprodução de modelos didático-pedagógicos ultrapassados usando novos meios. Portanto, repensar a prática docente, considerando os letramentos

digitais, requer uma avaliação crítica da postura e do engajamento desses profissionais com o mundo virtual.

O ensino online, apesar de não ter tido continuidade no novo momento a qual estamos inseridos, acreditamos que ele veio e ficará momentaneamente sendo aplicados no sistema escolar de todas as escolas públicas.

1.3 O papel da escola no processo de inclusão escolar

A escola é um segmento social que possui objetivos bastante claros que é o de desenvolver potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos estudantes por meio da aprendizagem dos conteúdos de maneira contextualizada (Nobre e Sulzart, 2018). No contexto da inclusão, a escola passa a exercer um papel bem mais amplo, que é o de, “[...] identificar os comportamentos que dificultam a interação do aluno, e assim trabalhar no seu dia a dia formas de incluí-lo no meio social, que vão de uma roda de conversa e brincadeiras à uma tomada de decisão independente” (Castro, 2021, p. 280). Além desses papéis, a escola também é responsável pela “preparação” de todos os seus funcionários, para receber e acolher bem todos os estudantes de forma igual. A importância desse preparo se dá pela complexidade de que é a inclusão, que por natureza requer planejamentos adaptados, acessibilidade e atividades adaptativas de modo tal, que contribua para que os alunos com DI, possam compreendê-las e assim, realizá-las. É um novo paradigma educacional e se constitui “[...] pelo apreço à diversidade como condição a ser valorizada[...].” (Prieto, 2006, p. 40).

Trabalhar com a diversidade é acima de tudo, compreender que cada um possui seu tempo de aprendizagem, fazendo-se necessário a oferta de metodologias diferenciadas, promovendo o sentimento de acolhimento e do respeito à dignidade humana. A escola precisa desse olhar para garantir que todos possam aprender, garantindo assim a convivência e integração escolar, cabendo ao professor a tarefa de “[...] analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandadas nos seus processos de aprendizagem, [...], além de “elaborar atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seus planejamentos e aprimorar o atendimento aos alunos” (Prieto, 2006, p. 58). Tudo isso para

grande parte do professor, é considerado trabalho extra e cansativo, e portanto, muitos delegam essas atribuições ao professor de apoio.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determina que: os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (Brasil, 2001). Essa organização ainda se encontra em processo, uma vez que a maioria dos gestores escolares não compreendem como deve ser essa organização e nem se envolvem com a problemática que é a inclusão escolar, apenas aceita a matrícula desse aluno, por ser essa obrigatória garantida por lei.

Costumeiramente a gestão escolar deixa a organização dos recursos tecnológicos - pedagógicos, o currículo, a participação da família e toda sua interação escolar, a cargo do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), ou na falta desse, para o Professor de Apoio (PA), culminando numa sobrecarga de trabalho desse profissional, caracterizando como um desvio de função. Agindo assim, as escolas continuam,

[...] sendo produto e produtoras de exclusões sociais, dos mais diversos tipos. A resistência em mudar o paradigma que sustenta um perfil excludente de educação, em que as “categorizações” das pessoas por suas diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais, ideológicas e de gênero reforçam conflitos e violências físicas e simbólicas, e tornam-se entraves para a constituição da inclusão educacional (Barth, 1990, p. 6).

A tarefa de selecionar os melhores recursos tecnológicos cabe não somente a gestão escolar, mas ao coordenador pedagógico, ao professor da sala, mas pela falta de interesse e despreparo desses profissionais, acabam deixando essa atribuição que o professor de apoio (PA). Agindo assim,

A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar. Ocorre que a escola se democratizou abrindo-se

a novos grupos sociais, mas não aos novos conhecimentos (Mantoan, 2003, p.13).

Nesse contexto, a escola permanece a fazer de conta que a inclusão existe, no entanto, ela só acontece quando os envolvidos passam a ter uma nova visão sobre suas práticas, podendo transformá-la, compreendendo e respeitando as diferenças individuais de seus aprendentes (Strieder, Mendes e Zimmermann, 2013).

1.3.1 A Formação Do Professor Da Sala Regular No Contexto Inclusivo

Um dos entraves que emergem na proposta de escola inclusiva é sem dúvida, a formação do professor. É perceptível que as Instituições de Ensino Superior ainda não têm preparado na formação inicial o professor para saber trabalhar para alunos com deficiência, seja ela de que tipo for (intelectual, motora, visual, auditiva ou paralisia cerebral). É por esse motivo que quando o professor tem conhecimento no início do ano de que na sua sala de aula terá um alunos inclusos, fica desconfortável e com receio de não saber corresponder às expectativas que a própria inclusão impõe e conseqüentemente da sociedade que vê no professor aquele profissional habilitado para lidar com a educação de uma forma geral. Aquele professor detentor do saber (Freire, 1996), que está preparado para tudo no âmbito da sala de aula.

Nas falas de Rosin-Pinola e de Del Prette (2014, p. 343), “a formação de professores, [...], pouco tem dado conta das demandas atuais da educação, dentre elas a da inclusão, entendida como um dos desafios da escola atual” implica em uma formação sólida, seja ela a inicial, a continuada e em serviço, que contribua para que o professor possa receber todos os alunos com ou sem deficiência de modo inclusivo. A esse respeito, é relevante salientar o que Neto (2018, p. 83) diz a respeito da inclusão, para ele esse processo é “um campo desconhecido, mas para compreender melhor o discurso atual da inclusão e seus aspectos, que causam por vezes angústias e também algumas polêmicas, é preciso voltar no tempo para compreender o processo histórico da Pessoa com Deficiência”, e só se conhece, estudando, pesquisando, indagando, refletindo, o que exige tempo e disposição, elementos esses que muitos professores não possuem e muitas vezes não querem oportunizar-se.

De acordo com Lira (2016, p. 53), “a formação do professor e as questões ligadas diretamente a ela são imprescindíveis para que se tenha uma boa qualidade de ensino. Por isso, aquele(a) que deseja ensinar deverá estar consciente de que a sua formação é permanente e integrada ao dia a dia escolar”. A inclusão possibilita a àqueles que são discriminados pela sua condição deficitária, pela classe social ou pela cor que, que por direito ocupem o seu espaço na sociedade (Mantoan, 2005).

O processo de inclusão escolar, no entendimento de Freitas, Oliveira e Soecki (2013, p. 5), “envolve todos que compõem a escola e a comunidade na qual está inserida [...]” priorizando o aluno e a construção do conhecimento”. Os envolvidos devem aprender a trabalhar juntos, compartilhar conceitos, informações, experiências, reconstruindo valores e significados, buscando novos caminhos para a prática pedagógica e social. Trabalhar com as diferenças no âmbito escolar passa a ser um grande desafio posto aos professores, principalmente porque é de sua responsabilidade construir novas propostas para ser um agente facilitador e transformador do processo de ensino-aprendizagem, e para que isso ocorra se faz necessário buscar o aprimoramento de seus conhecimentos.

Alguns professores “acreditam que devem receber a preparação para trabalhar com estudantes com deficiência a partir de uma formação profissional que, vinda de fora (orientações, direção, estado), dê a eles autonomia para atuar” (Miranda e Filho, 2012, p. 12), cabendo a escola a responsabilidade de preparar e organizar todo o ambiente de modo que venha atender ao conjunto de necessidades e características específicas do aluno com deficiência, no seu preparo para o exercício de sua cidadania plena. Para alguns intelectuais da atual sociedade elegem que esse conhecimento deve ocorrer na formação inicial. O que se pode conceber é que nesse novo cenário escolar, o professor não pode mais, “escolher” lecionar ou não para alunos com deficiência” (Redig e Mascaro, 2021, p. 135), como acontecia em épocas passadas, mas aceitar a todos sem discriminação.

Diante do que foi discutido, a formação docente é uma problemática que vem sendo colocada como uma preocupação materializada, a qual precisa ser repensada pela sociedade de um modo geral, pois a inclusão tem muito a ver principalmente com a formação do professor. Essa também é uma preocupação que se encontra nos estudos de Sá (2002) o qual defende a ideia de que os processos formativos dos professores precisam incorporar estratégias

e ações pedagógicas variadas, considerando a diversidade de situações vivenciadas no dia a dia das escolas, como também, criar condições para que os professores se posicionem sempre como sujeitos do processo de formação permanente. Quanto a isso, Rosin-Pinola e Del Prette (2014, p.343) explicam que,

[...] ao se pensar a formação de uma nova geração dentro de um projeto que favoreça a inclusão escolar, e particularmente a de alunos com necessidades educacionais especiais, as inovações nas relações entre pessoas e na organização de práticas educativas precisam contemplar as diferentes áreas do conhecimento a fim de propiciar melhores condições de ensino e aprendizagem a todos os alunos.

Essa nova geração requer implica em novas competências do professor para atender a esse novo modelo de educação escolar.

1.4 O professor do Atendimento Educacional Especializado

A inclusão de alunos com deficiência no ensino regular, está baseada em aspectos legais fundamentados na Constituição Federal de 1988 e na LDB n.º 9394/96. Na Constituição Federal, no artigo 208, enfatiza que os alunos com necessidades especiais devem ter atendimento preferencialmente nas escolas regulares e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96LDB, complementa esse mesmo anseio acrescentando que a escola deve propiciar aos alunos com deficiência a garantia legal para a oferta e recebimento de um atendimento educacional especializado (AEE) assegurado no artigo 58, § 1º e § 2º, ressalta que,

§ 1º. Haverá, quando necessário, serviço de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de Educação Especial.

§ 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular (Brasil, p.1996, p.21).

Esse atendimento deve ocorrer na escola, no contraturno escolar, em Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), no qual o professor habilitado deve fornecer ferramentas pedagógicas, principalmente as tecnologias que visem melhorar a qualidade de vida desse aluno e consequentemente a sua aprendizagem escolar.

O serviço do AEE é voltado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e poderá ser ofertado em classes, escolas ou serviços especializados, sendo complementar ou suplementar a escolarização dos mesmos matriculados em classes comuns de ensino regular (MEC/SEESP, 2008).

Com a Lei 14.254/21 publicada no Diário Oficial da União, estabelece que as escolas da rede pública e privada devem garantir acompanhamento específico, direcionado à dificuldade e da forma mais precoce possível, aos estudantes com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam instabilidade na atenção ou alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita. Esse atendimento, exige-se adaptações, reflexões e ações positivas que levem o estudante a se sentir verdadeiramente incluso, pois, não basta apenas incluir este aluno especial em uma sala de aula, criar condições para que ele desenvolva sua autonomia e consiga vencer seus desafios. Na sala do Atendimento Educacional Especializado, “o aluno constrói conhecimento para si mesmo, o que é fundamental para que consiga alcançar o conhecimento acadêmico (Gomes, et al., 2007, p. 27).

Apesar do que estabelece a LDB, algumas escolas públicas ainda não possuem esse professor, e nem a Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), deixando toda a responsabilidade pela inclusão a cargo do professor da sala do ensino regular. Vale aqui ressaltar que o professor do Atendimento Educacional Especializado é de suma importância, pois, traz contribuições relevantes para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos que são atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais- SRM. Todavia, para um maior resultado, é necessário que haja uma articulação de forma contínua entre o professor do AEE com o professor de sala regular e toda equipe e comunidade escolar, para que juntos possam traçar estratégias, para que haja o verdadeiro sentido e desenvolvimento da inclusão.

1.5 As atividades do Professor de Apoio no processo de ensino online

Na busca de auxiliar o professor da sala de aula regular, garantindo a igualdade de oportunidades, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), lei 13146/15 criou estratégias inclusivas no sentido de garantir que a inclusão se estabeleça na sala de aula. Entre essas, está a inserção do profissional de apoio para atender as necessidades especiais do estudante.

A Resolução CNE/CEB nº 2/01, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, anuncia, em sua redação, um serviço de apoio pedagógico especializado realizado na sala comum mediante:

- atuação colaborativa de professor especializado em Educação Especial;
- atuação de professores-intérpretes das linguagens e códigos aplicáveis;
- atuação de professores e outros profissionais itinerantes intra e interinstitucionalmente;
- disponibilização de outros apoios necessários à aprendizagem, à locomoção e à comunicação (Brasil, 2001, p. 2).

Voltando-se a lei 13146/15 no seu artigo 3.º o inciso XIII, descreve-se as atribuições do profissional de apoio no contexto inclusivo:

XIII - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas;

Assim, cabe ao professor de apoio também atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) do estudante com deficiência, “estimulando a autonomia e a capacidade de desenvolver, a partir de intervenções e adaptações curriculares as potencialidades de cada aluno” (Souza, Valente e Pannuti, 2015, p. 1).

A Nota Técnica MEC/SEESP/GAB nº 19, que foi publicada no ano de 2010, trata da organização e oferta dos profissionais de apoio na sala de aula inclusiva, traz os seguintes aspectos:

Os profissionais de apoio às atividades de locomoção, higiene, alimentação prestam auxílio individualizado aos estudantes que não realizam essas atividades com independência. Esse apoio ocorre conforme as especificidades apresentadas pelo estudante, relacionadas à sua condição de funcionalidade e não à condição de deficiência;

A demanda de um profissional de apoio se justifica quando a necessidade específica do estudante público-alvo da Educação Especial não for atendida no contexto geral dos cuidados disponibilizados aos demais estudantes;

Em caso de educando que requer um profissional ‘acompanhante’ em razão de histórico segregado, cabe à escola favorecer o desenvolvimento dos processos pessoais e sociais para a autonomia, avaliando juntamente com a família a possibilidade gradativa de retirar esse profissional;

Não é atribuição do profissional de apoio desenvolver atividades educacionais diferenciadas ao aluno público-alvo da Educação Especial nem responsabilizar-se pelo ensino desse aluno;

O profissional de apoio deve atuar de forma articulada com os professores do aluno público-alvo da Educação Especial da sala de aula comum e da sala de recursos multifuncionais, entre outros profissionais no contexto da escola;

Os demais profissionais de apoio que atuam no âmbito geral da escola, como auxiliar na Educação Infantil, nas atividades de pátio, na segurança e na alimentação, entre outras atividades, devem ser orientados quanto à observação para colaborar no atendimento às necessidades educacionais específicas dos estudantes (Brasil, 2010).

Analisando esse contexto, destacamos que o professor de apoio não é habilitado pelo menos no exercício de sua função para utilizar metodologias de ensino e muito menos elaborar propostas pedagógicas para a inclusão. Ele apenas atuará nas questões que impede o estudante

com de desenvolver a sua autonomia plena. Propor atividades e metodologias adaptadas, são competências são exclusivamente do professor da sala de aula.

Apesar das restrições que cabe ao professor de apoio conforme consta nos documentos oficiais, é perceptível que dentro da escola essas atribuições ainda não está bem esclarecidas, e é muito comum o PA confeccionar e adaptar atividades que o professor da sala de aula aplica para toda classe, para ele trabalhar com o aluno que ele está acompanhando, o que é um erro. Assim diz Reis (2020, p. 18), que “o trabalho do Professor de Apoio deve estar pautado na colaboração com o docente regular, visando à eliminação de barreiras que possam dificultar o acesso do aluno ao conhecimento”. Essa perspectiva, precisa ser compreendida pela escola, pois é bastante comum perceber-se o professor de apoio sendo responsabilizado por todo processo de inclusão do estudante, colocando-o numa situação desconfortável.

1.6 O papel da família no processo das aulas online

A família é a primeira instituição ao qual o indivíduo faz parte. É ela que pode fornecer informações fundamentais ao processo de inclusão escolar. Para, Lazzaretti e Freitas (2016, p. 3) a família é, “o primeiro e mais importante agente socializador para o desenvolvimento da criança, é neste contexto que a criança cresce, expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições e é através da família que ocorre a inserção do sujeito na sociedade”. Nesse pressuposto, essa instituição tem papel fundamental na escola, sendo um componente muito importante no processo de inclusão escolar. De acordo com Acco (2014, p. 4), a união dessas duas instituições, “é considerado um fator fundamental no processo de aprendizagem, assim torna-se necessário estreitar os laços de relacionamento entre essas duas instituições, pois quanto maior for a participação da família o trabalho da escola se tornará mais eficaz” e no período da pandemia essa relevância se tornou ainda mais relevante.

Dias e Silva (2020, p. 407), acrescentam que “a presença de alunos com deficiência na escola, tem revelado questões que precisam ser problematizadas, como por exemplo, a ineficácia de um sistema escolar que sempre excluiu aqueles e aquelas que não se ajustavam aos padrões”. Some-se a isso, a falta da participação da família no processo de inclusão escolar. Nesse processo a escola e a família são instituições poderosas que se unidas poderão caminhar

juntas para ajudar os alunos a vencerem os desafios que permeiam a inclusão. A figura abaixo, representa como deve ser a participação da família no paradigma da inclusão;

Figura 1:

A participação da família no processo de inclusão escolar



Fonte: <https://pauloabreu14.jusbrasil.com.br/artigos/215553621/direito-a-educacao-especial>

É através da parceria por meio de debates ocorridos em encontros, sendo esses presencial ou à distância que o diálogo é estabelecido, tornando-se a pessoa com deficiência mais autônoma, e consciente percebendo que ele é importante, e que essa união família e escola estão juntas em prol de sua caminhada escolar. Tudo isso culmina na melhoria de suas dificuldades. Portanto, tanto família quanto escola influenciam de forma positiva na vida desse aluno e colaboram para que esse, ultrapasse seus limites, vencendo os desafios que ora se apresentem na escola e na sociedade. Sem a participação da família no processo de inclusão escolar, principalmente em tempos de pandemia, o fracasso desse ensino pode estar sendo posto.

Estudos vem demonstrando que o contexto das aulas mediado pelas tecnologias, a família de uma forma geral sentiu-se acuada, passando também a ser vítima de uma

sociedade que não a preparou para lidar com as atividades online e muito menos ofertou o equipamento (notebook, tablet, celular) e a própria internet para que ela pudesse auxiliar os filhos nesse processo. Para Oliveira, Peres e Azevedo (2021), o período em que as famílias precisaram ficar dentro de casa devido ao contágio da COVID 19, tornou-se um problema, uma vez que ela precisou se preocupar com os trabalhos domésticos, com o sustento da família, além de lidar com a ansiedade decorrente do cenário incerto, cuidar da vida estudantil dos filhos que se tornou cada dia mais um entrave para as classes menos favorecidas [...] além da falta de , “equipamentos adequados, internet e conhecimento suficientes para auxiliar os filhos com as tarefas”(p.76), principalmente para aquela família que tem filhos com necessidades educacionais especiais. Por mais amor, carinho, e afeto que a família tenha pelo filho(a), o trabalho online com esses alunos, tornou-se um grande desafio. Esse entendimento revela como é difícil a inclusão das tecnologias nas aprendizagens dos filhos com deficiência pela família.

Nesse sentido, chamamos a atenção para invisibilidade desses sujeitos que foi agravada severamente, tendo em vista que, nem a família e nem o próprio aluno conseguiram ter bom êxito nesse processo de inclusão das tecnologias na aprendizagem fora do ambiente escolar.

Segundo relatos de famílias emitidos pelas mídias sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram), elas ficaram sem apoio nenhum, em relação ao fazer escolar do filho, pela impossibilidade de não compreender como usar os recursos tecnológicos inclusivos que muitas plataformas digitais oferecem.

Para a maioria dos alunos com deficiência intelectual, o ensino online, deixou uma lacuna muito grande, os afastando de sua escola, de seu professor, de seus amigos e de suas atividades rotineiras.

1.7 Níveis de deficiência intelectual

A proposta da educação especial, está pautada na concepção de que todos têm o direito de aprender, frequentar sala de aula do ensino regular entendida como política pedagógica e social a ser adotada pelo sistema escolar (Maia e Dias, 2015).

Nas escolas, é possível perceber, uma confusão em relação as metodologias adotadas pelo professor com alunos inclusos. Isto se dá pela ausência de informação a respeito do nível de deficiência mental que o aluno possui, pois cada nível corresponde a um comprometimento cognitivo e na sala de aula essa especificidade deve ser compreendida.

De acordo com Minetto (2008, p. 17), quando se conhece “determinado fato ou assunto, mas nos sentimos seguros diante dele. O novo gera insegurança e instabilidade, exigindo reorganização, mudança. É comum sermos resistentes ao que nos desestabiliza. Sem dúvida, as ideias inclusivas causaram muita desestabilidade e resistência”. Corroborando com o autor, Behrens e Carpin (2013, p. 109) dizem que, compreender a importância do processo educacional, envolve diretamente “o desenvolvimento, evolução e aspectos culturais de qualquer humanidade, requer que os professores entendam a concepção de homem, de sociedade e de mundo que reveste sua prática de vida e que se transporta para sua prática pedagógica”. Essas concepções por si só, revelam que a escola precisa de forma urgente repensar seus conceitos, principalmente quando se fala em inclusão.

De acordo com a Classificação Internacional das Doenças, da Organização Mundial da Saúde (CID-10, 1989), a DI se classifica em 4 níveis, considerando os resultados nos testes de quociente de inteligência (QI) e na capacidade funcional da pessoa, sendo assim subdivida:

- a) Retardo mental leve (QI entre 50-69);
- b) Retardo mental moderado (QI entre 35-49);
- c) Retardo mental grave (QI entre 20-40);
- d) Retardo mental profundo (QI abaixo de 20).

Essa classificação é importante para que se possa compreender o nível de comprometimento que o indivíduo possui, mas não medir a capacidade que o indivíduo tem em aprender.

Antigamente, era comum pensar-se que a pessoa com DI não possuía inteligência, e assim, não conseguiria absorver conceitos e desenvolver habilidades cognitivas tanto na escola como fora dela, era uma concepção generalizada e equivocada, conforme explica Vidal (2005) que arraigada na crença, de que o nível de intelectualidade de um indivíduo é medido através

de testes psicométricos, como o quociente de inteligência, (QI), novas pesquisas foram realizadas possibilitando provar há bem pouco tempo, que esses testes são capazes de medir apenas algumas capacidades, como a lógico-matemática e a linguística, não sendo possível medir a inteligência em sua totalidade, visto que, a formação do sujeito se dá em todos os campos do desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, se desvincula o entendimento de que a inteligência é algo facilmente medido atentando-se para o sentido de uma ideia mais ampla no que se refere ao conceito e origem da palavra inteligência. Gardner (1994, pp. 46-50), criou um conjunto de critérios que define uma inteligência, as quais se expõe a seguir:

- 1° - Relativa autonomia em relação a outras inteligências quando uma faculdade eventualmente for destruída, ou seja, outras inteligências permanecem intactas;
- 2° - Os idiots savans¹ podem apresentar um talento especial em determinada área, o prodígio atinge seu potencial em apenas (ou ocasionalmente), em mais de uma área de competência;
- 3° - Inteligência pode ser definida como um sistema computacional programado geneticamente pode ser ativado ou disparado por tipos definidos de informação interna ou externa;
- 4° - Inteligência identificável através do seu desenvolvimento humano, tanto em indivíduos normais quanto talentosos e não se desenvolverá isoladamente, exceto em pessoas incomuns;
- 5° - Presente em todas as espécies, tornando-se aceitável a medida em que se localiza seus antecedentes evolutivos,
- 6° - Competências particulares podem ser manifestações das mesmas inteligências;
- 7° - Métodos convencionais de testagem da Inteligência nem sempre são eficazes. Métodos como o uso de “papel e lápis” frequentemente são excludentes, especificamente as que exigem interação entre os indivíduos;
- 8° - A maior parte das comunicações humanas ocorrem através dos sistemas de significados projetados culturalmente. Os símbolos mais importantes para a sobrevivência e produtividade humana são: linguagem, matemática e desenho.

¹ Idiots Savant: indivíduo com talento altamente especializado em determinada área, no entanto, mentalmente deficiente (Gardner, 1995).

Compreendendo assim, fica possível o professor trabalhar e utilizar metodologias mais específicas que colabore para melhorar seu comprometimento cognitivo e assim, colocar esse aluno num patamar de igualdade.

1.8 A importância das tecnologias assistivas no processo de inclusão

O avanço da tecnologia tem contribuído de forma surpreendente para a inclusão dos alunos com deficiência na sala de aula. No mercado há uma gama de softwares educativos com diversas finalidades que ampliam a habilidade funcional dessas pessoas, principalmente as com DI, tornando-se ferramentas poderosas no processo de melhoria de suas aprendizagens, possibilitando sua efetiva participação no processo de inclusão digital.

Por terem deficiência intelectual (DI), essas pessoas apresentam dificuldades de compreensão e de comando verbais, precisando de estímulos que podem ser encontrados através das plataformas digitais em muitos softwares e site educativos.

Sublinhamos o que diz Delville et al., (1999), ao afirmarem que o uso das tecnologias no campo das deficiências se realiza em diversos setores de aplicação: auxílio à comunicação, auxílio à vida cotidiana, aprendizado e desenvolvimento cognitivo. No paradigma da inclusão existem alguns softwares de fácil acessibilidade que tanto o professor em parceria com a família podem utilizar, dependendo do direcionamento que o professor der, o próprio aluno com D, consegue realizar sozinho, apenas precisando ser monitorado por um adulto. Por serem educativos, ou seja, ter objetivos pedagógico tem auxiliado na melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência, por terem a função de assistir essa pessoa. De acordo Galvão Filho (2009), Bersch (2008) e Manzini, (2005) entre outros, classificam esses softwares como Tecnologia Assistiva (TA).

Para o Comitê de Ajudas Técnicas, Tecnologia Assistiva é compreendida como:

Uma área do conhecimento, de caráter interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias práticas e serviços que objetiva promover a funcionalidade, participação e independência de pessoas com deficiência

incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (2008, p. 138).

Corroborando com Comitê de Ajudas Técnicas, Schirmer et al., (2007) diz, que “Tecnologia assistiva é uma expressão utilizada para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiências e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão” (p. 31). No conceito de Bersch (2013), a tecnologia assistiva serve de auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada e que se encontra impedida por circunstância de deficiência ou pelo envelhecimento.

Assim, ao conceituar-se a TA, destaca-se a sua importância para a vida das pessoas com deficiência além de oferecer ao mercado focos específicos de trabalho e especialização. Nesse sentido, para a inclusão da TA na aprendizagem do aluno com DI, faz-se necessário que o professor conheça a dimensão de seus recursos, pois esses, representam possibilidades e novos caminhos no processo de ensino-aprendizagem.

Na perspectiva de Bersch e Machado (2007, p. 92) “a aplicação da Tecnologia Assistiva na educação vai além de simplesmente auxiliar o aluno a fazer tarefas pretendidas. Nela, encontramos meios de o aluno ser e atuar de forma construtiva no seu processo de desenvolvimento”. No que se refere a Tecnologia Assistiva, Bersch (2013), diz que existem diferentes conceitos sobre a TA, entre eles estão, “ajudas técnicas e tecnologia de apoio” essas nomenclaturas receberam influências do referencial teórico de seus países de origem. Ainda no entendimento da autora, os conceitos aplicados a cada um destes, tem semelhanças entre si, e em outros casos apresentam diferenças, mas o importante é que elas têm os recursos e serviços que servem de auxílio na melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

Para Galvão Filho (2009, p. 2), “existe um número incontável de possibilidades, de recursos simples e de baixo custo, que podem e devem ser disponibilizados nas salas de aula inclusivas, conforme as necessidades específicas de cada aluno com necessidades educacionais especiais [...], entre esses, pode-se destacar aqueles não precisam ser baixados, que podem ser utilizados de forma online. Nos estudos de Manzini (2005, p.82),” os recursos de tecnologia

assistiva estão muito próximos do nosso dia-a-dia. Ora eles nos causam impacto devido à tecnologia que apresentam, ora passam quase despercebidos”. No computador esses recursos estão em muitas plataformas pouco exploradas pela escola. Segundo Sartoretto e Bersch (2022), os recursos são todo e qualquer item, equipamento ou parte dele, produto ou sistema fabricado em série ou sob medida utilizado para aumentar, manter ou melhorar as capacidades funcionais das pessoas com deficiência. Já em relação aos serviços que a TA possibilita segundo Bersch e Tonolli (2006), dizem que são aqueles serviços prestados por profissionais à pessoa com deficiência visando selecionar, obter ou usar um instrumento de tecnologia assistiva. Nesse sentido, trabalhar com tecnologias assistiva tem feito uma enorme diferença no aprendizado escolar das pessoas com DI, contudo, afirmamos esses recursos requer acima de tudo, comprometimento do professor e empatia pela inclusão. Com essa afirmação, pretende-se dizer, que a tecnologia assistiva na área da educação (software e site) necessariamente não precisa o professor ter formação para utilizá-lo com seu aluno, basta apenas ter em mãos a internet e o celular ou computador. São softwares em sua maioria de fácil operacionalização.

1.8.1 Alguns softwares/site online que contribuem para a melhoria da aprendizagem de quem possui deficiências intelectual

A escola de uma forma geral tem enfrentado múltiplos desafios para conseguir ofertar um ensino igualitário. Para isso, algumas escolas têm buscado alternativas que possam minimizar as defasagens cognitivas que os alunos com DI apresentam. Dentre essas estratégias está trabalhar com TA como facilitador do aprendizado escolar. Os softwares passam a ser um recurso da TA pelo fato do professor poder readaptar seu conteúdo por meio desses, melhorando a aprendizagem de seus aprendizes com DI.

Para, Behrens e Carpim, (2013, p. 109) no cenário atual, em que a formação dos alunos tem sido o mote do processo educacional, “exige que o professor acompanhe a mudança paradigmática da ciência e da educação e as possíveis decorrências das inovações técnicas e tecnológicas, trabalhando de maneira a integrar conhecimentos sociais complexos e tecnologias cada vez mais sofisticadas”. Dessa forma, é importante que o professor busque de inserir o aluno com DI no mundo tecnológico, até porque esse é um direito de todos que estão matriculados na escola.

Com o avanço da tecnologia e em especial, a tecnologia educacional, tem contribuído cada vez mais para a inclusão dos alunos com deficiência, essa percepção precisa ser compreendida pelo professor. São softwares e sites que ampliam a habilidade: cognitiva, o raciocínio lógico, a motricidade a memória tornando-se ferramentas úteis para a independência e o aprendizado. Sendo assim, um dos princípios da educação inclusiva ao nosso ver, é inserir o aluno com deficiência no mundo totalmente tecnológico, igualando-os aos demais, pois se a tecnologia é importante na vida de todas as pessoas, não pode ser diferente na vida das pessoas com deficiência. Agindo assim, a escola também estar contribuindo para inserção destas pessoas no mercado do trabalho, sendo um importante avanço para a sociedade.

Essa importância que se tem dado ao uso de softwares educativos no dia a dia, tem colaborado como uma forma de apoiar ou reforçar o aprendizado escolar, além de toda a praticidade que eles oportunizam. Sem dúvida existe o interesse por parte do aluno e da família em lidar com eles com estes softwares uma vez que, fogem de suas tarefas rotineiras, dito de outra forma, aquelas que costumeiramente o professor aplica em folhas xerocadas. No tópico a seguir, apresenta-se alguns sites, que tem uma variedade de atividades inclusivas, que dependendo da carência pedagógica do aluno, o professor pode trabalhar com ele tanto de forma presencial, como online.

1.8.1.1 O Escola Games

É uma coleção de atividades educativas destinados a todas as disciplinas do currículo escolar. Essas atividades não precisam ser baixadas, e o usuário pode acessá-las de modo online. São jogos pedagógicos que podem ser utilizados por pais e professores como uma ferramenta de ajuda a recomposição da aprendizagem.

Rosa e Cruz (2019), define “jogos educativos online”, “jogos pedagógicos online” e “jogos escolares online”, considerando apenas os sites que oferecem jogos educativos. Sendo assim, o Escola Games pode ser uma boa ferramenta pedagógica que pode suprir as lacunas de aprendizagens dos alunos que possuem DI.

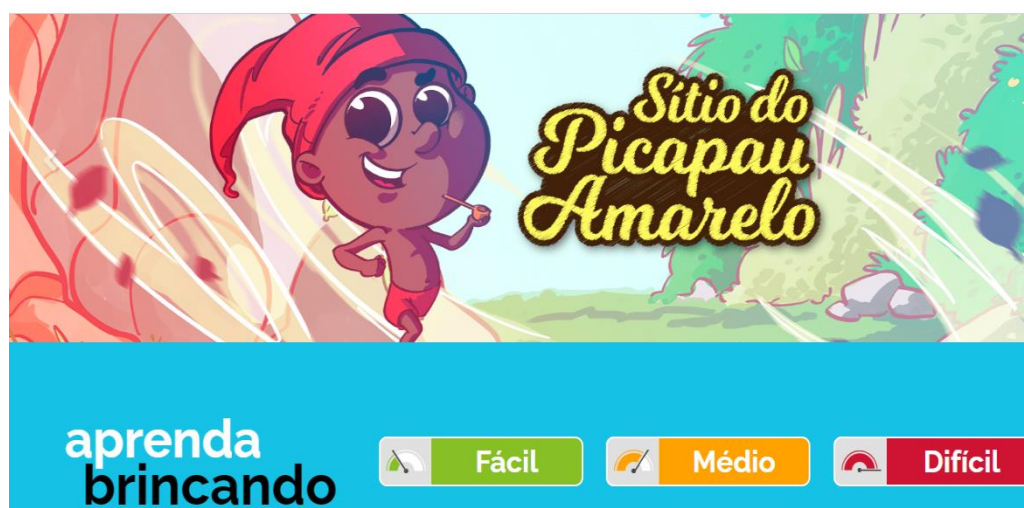
O Escola Games pode ser utilizado por pessoas que não possuem habilidade tecnológica, por ser de fácil manipulação e compreensão. São atividades bastante coloridas, que contribuem para melhorar a percepção do aluno, a atenção e o desenvolvimento da motricidade sendo essencial no processo de aulas online.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, “os jogos constituem uma forma interessante de propor problemas, pois permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções” (Brasil, 1998, p. 47).

Na figura abaixo apresenta-se algumas atividades que são encontradas no site, que contribui para a melhoria da aprendizagem, além de mantém o aluno conectado com o mundo.

Figura 02:

Site Escola Games



Fonte: <https://www.escolagames.com.br/>

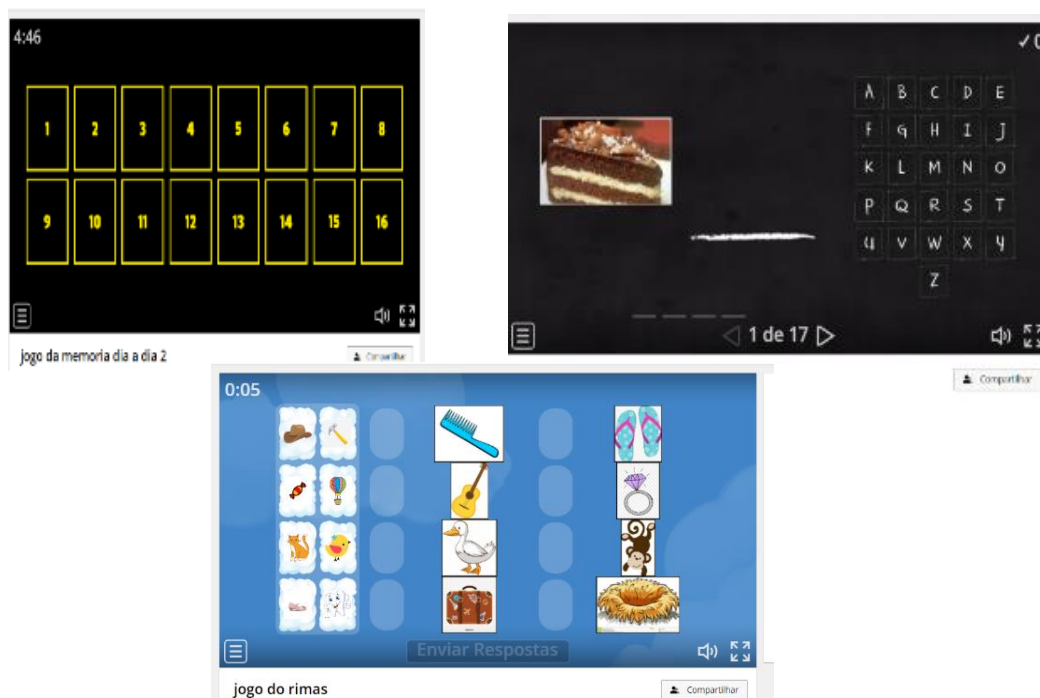
Nessas atividades há três níveis de aprendizagem e cada jogo possui um objetivo específico, além disso, apresenta um tutorial que mostra os objetivos e os comandos que devem ser seguidos. Nessa ótica, é preciso perceber que a oferta desse recurso, é um meio de

garantir uma aprendizagem satisfatória dentro das limitações de cada um, desde que a sua utilização se dê de forma muito bem planejada e bem avaliada pelo professor. Ao se tocar em planejar, essa deve ser uma ação rotineira no dia a dia do professor, pois, planejar significa segundo Padilha (1998), é um processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação, visando à concretização de objetivos e prazos determinados e etapas definidas, com base em avaliações.

1.8.1.2 O Wordwall

O Wordwall é uma plataforma projetada para a criação de atividades personalizadas, em modelo ramificado, e pode ser utilizado em diversas disciplinas, desde no processo de alfabetização até para os estudantes já alfabetizados. Para ter acesso a essa plataforma, basta acessar o link: <http://wordwall.net/pt> e clicar em “Iniciar sessão”. A partir daí o usuário tem acesso a página inicial se deparando com vários modelos de atividades. Dentre essas atividades tem as que são direcionadas aos estudantes que apresentam dificuldades na aprendizagem.

Figura 03:
Wordwall



Fonte: <https://wordwall.net/pt-br/community/jogo>

O Wordwall é uma plataforma gratuita que permite a criação de até 5 atividades diferentes, ou quando não, o usuário pode utilizar as que estão disponíveis. De acordo com Santos (2020), a plataforma Wordwall é um recurso dinâmico que se trata de um jogo educativo que estimula o aluno a aprender de maneira interativa os conteúdos mediados pela criatividade do professor. Para Nunes (2020, p. 15),

Nessa plataforma, o usuário também pode tornar públicas as atividades, compartilhando o link para a comunidade, essas atividades elaboradas e publicadas podem ser utilizadas na íntegra ou editadas conforme o planejamento de quem desejar fazer uso das mesmas.

Como é possível perceber, é um site que auxilia aluno e o professor no processo de inclusão, como também insere o DI no mundo digital, trazendo relevantes contribuições na formação de ambos.

1.8.1.3 O HVirtua

O HVirtua, é uma coletânea de atividades online, que atende a maioria as dificuldades de aprendizagens dos estudantes. Ele coloca o aluno frente a quase todos os conteúdos da grade curricular.

O site HVirtua apresenta 3 subdivisões, que dependendo do nível de deficiência intelectual, podem ser trabalhados com alunos de maior idades, pois são recursos que facilitam a exposição e o estudo dos conteúdos tornando-os mais atrativos, melhorando a forma de como o conteúdo pode ser exposto verbalmente.

Conforme Silva (2021, s/p);

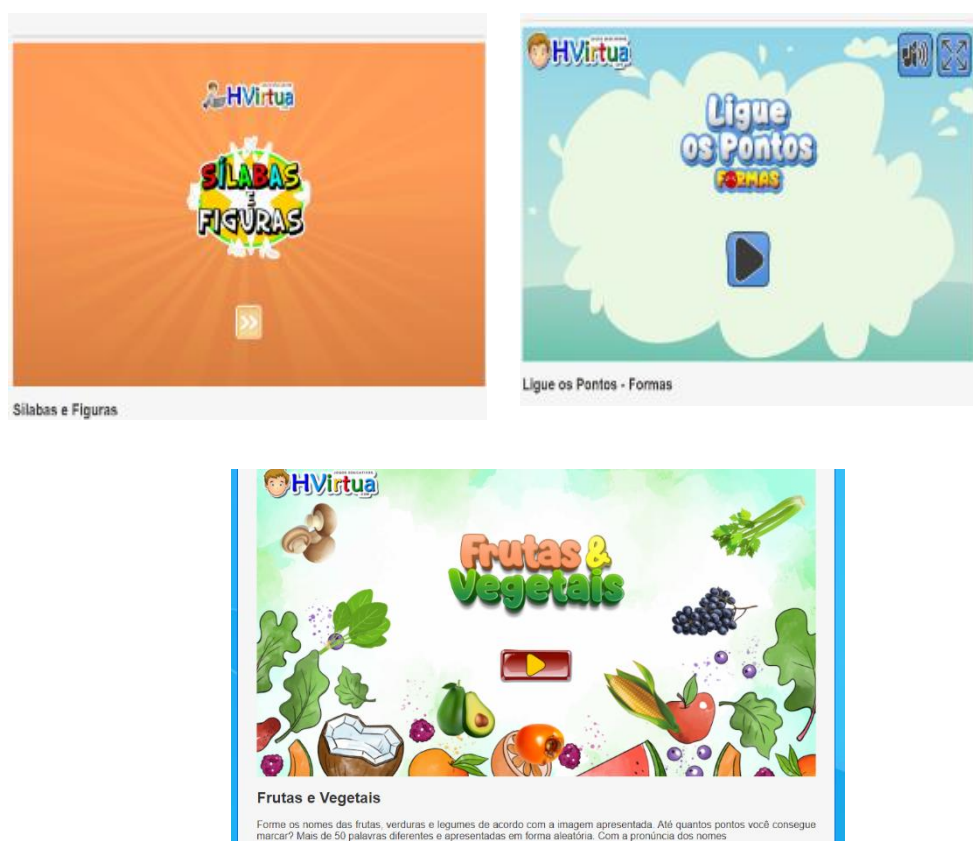
A maior parte dos jogos educativos é voltada para o público infantil. Existem dois grupos principais de jogos infantis: os de enredo e os de regras. Os jogos de enredo também são chamados de jogo imaginativo, de faz-de-conta, de papéis, simbólico ou sócio dramático. Os jogos de regras visam promover o

desenvolvimento cognitivo e afetivo-social do jogador. Neles, as crianças se imaginam nos papéis dos adultos, representando a realidade que vivem, ou que gostariam de vivenciar.”

Sendo assim, o aluno aprende de forma lúdica. Para Antunes (2005, p. 34), a concepção da cultura lúdica é “uma noção historicamente construída ao longo do tempo e, conseqüentemente, foi mudando conforme as sociedades, não se mantendo da mesma forma dentro das sociedades e épocas”. Nos estudos de Gomes (2004, p. 47), “a ludicidade é uma dimensão da linguagem humana, que possibilita a “expressão do sujeito criador que se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo”.

Figura 04:

Telas com atividades do HVirtua



Fonte: <https://jogoseducativos.hvirtua.com/>

Os sites com os jogos, dependendo da visão do professor pode ser mais um recurso que pode ser compartilhado com os pais, principalmente para aqueles que tem filho(a) com deficiência intelectual, pois os jogos estimulam a curiosidade e a autoconfiança, proporcionando o desenvolvimento do pensamento, da concentração, da atenção e da linguagem (Vygotsky, 1998).

Como se pode perceber, os softwares e sites, estão disponíveis em muitas plataformas, elencamos apenas três, mas existem uma variedade que se o professor tiver disposição e tempo, poderá se beneficiar e também o aluno. Além dos que pontuamos outros também são boas ferramentas de aprendizagens como: O ABC do autista, Alimente o Monstro, Aprendendo com Biel e seus amigos, Autastico, dentre tantos.

CAPITULO II

MARCO METODOLÓGICO

Este capítulo tem a finalidade de apresentar as etapas percorridas durante a realização desse estudo de forma detalhada, como: os objetivos, o problema, as perguntas específicas, a justificativa, o enfoque, as técnicas e procedimentos metodológicos, bem como, o contexto do *locus* da pesquisa e a população pesquisada.

A pesquisa é tida de acordo com Lakatos e Marconi (2010) como um “procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou descobrir verdades parciais” (p. 139). Assim, para se construir o conhecimento, a ciência apropria-se de padrões metodológicos que lhes servem de auxílio para alcançar seus objetivos. Esses padrões se constituem em um conjunto de métodos e procedimentos, que se organizam em etapas, com a finalidade de facilitar a elaboração de um trabalho científico fundamentado nos princípios éticos, capaz de esclarecer as ocorrências da realidade. Nesse direcionamento, a pesquisa científica é o resultado de um trabalho que o pesquisador realiza, obedecendo os padrões estabelecidos, com suas formas específicas.

2.1 Perguntas específicas

- ✓ Quais desafios o professor da sala de aula regular, encontra para incluir os alunos com deficiências no ensino online?
- ✓ Qual metodologia o professor utiliza para mediar a aprendizagem dos alunos com deficiências nas aulas não presenciais?
- ✓ Que papel a família exerce no contexto da inclusão escolar no ensino mediado pelas tecnologias?

2.2 O problema da investigação

Atualmente o mundo vem passando por diversas mudanças, principalmente no que se refere ao afastamento do professor e do estudante da sala de aula, motivada por inúmeros fatores, entre esses, está a pandemia (Coronavírus) que mudou completamente a forma do professor ensinar o conhecimento, afastando todos da sala de aula presencial, levando o professor com alunos inclusos a um desespero total. Tal angústia se deu pela falta de habilidades tecnológicas, e em como poderia mediar o saber daquele aluno que possui comprometimento no seu desenvolvimento cognitivo.

Pensando-se nessas questões que afligiu grande parte do professorado brasileiro que tem alunos com deficiência intelectual em sua sala de aula, é que surgiu o seguinte problema: *O professor do ensino regular encontra-se preparado para mediar o conhecimento com os alunos com deficiência intelectual, utilizando os recursos tecnológicos no sistema de ensino online?* Sem a formação voltada ao uso das tecnologias, passa a ser um desafio para o professor trabalhar com as TICs, especialmente no contexto inclusivo, tornando uma temática pertinente no momento atual.

2.3 Objetivos da pesquisa

Para responder o problema encontrado e lançar propostas e acerca do fenômeno estudado, delinea-se os objetivos gerais e os específicos desse estudo:

2.3.1 Objetivo geral

Analisar como se deu a articulação entre inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino online, e a importância das tecnologias no processo emergente do ensino e da aprendizagem.

2.3.2 Objetivos específicos

- Identificar as possibilidades e os desafios da educação inclusiva com o ensino online;
- Descrever as estratégias que o professor utilizou para incluir os alunos com deficiência intelectual no ensino online;
- Descrever o papel do professor no processo de inclusão no contexto da educação inclusiva;
- Identificar a contribuição do professor de apoio no auxílio aos alunos com deficiências intelectuais no ensino online.

2.4 Contexto Espacial e Socioeconômico da pesquisa

Campestre de Goiás é um município brasileiro do estado de Goiás. É um município pequeno, cuja população estimada em 2021 de 3.662 habitantes. Esse município está situado na região da Bacia do Paranaíba e possui um clima favorável ao plantio e a criação de gado. Além disso, Campestre de Goiás conta com um variado comércio local, agroindústrias, cerâmica, dentre outras atividades, fonte de renda e trabalho para o povo campestrino.

Em relação a educação desse município, o mesmo possui poucas escolas distribuídas entre estadual, municipal e algumas privadas. Essas escolas atendem as comunidades desse município, que ofertam educação infantil, ensino fundamental e médio, além da educação de Jovens e Adultos (EJA).

2.4.1 Delimitação da pesquisa

O Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre, está situado na Avenida Trindade S/Nº, construído em uma área de 1.849 metros quadrados. O prédio da unidade escolar possui uma área construída de 413,00 m², toda construída em tijolo comum com 18 cômodos sendo:

Tabela n.º 01:

Estrutura física da instituição escolar

Quantidade	Dependência
05	Salas de aula
02	Sanitários masculinos
03	Sanitários femininos, sendo 01 com acessibilidade
02	Sanitários para os funcionários
01	Sala para Depósito de materiais de limpeza
01	Cozinha
01	Secretaria (que funciona também como sala de diretoria)
01	Biblioteca
01	Sala para professores
01	Pátio descoberto
01	Quadra de esportes
01	Quadra de Areia (desativada)
01	Vestiário (desativado)

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Tabela n.º 02:

Distribuição do pessoal e seus respectivos cargos

09	Professores
01	Professor de biblioteca
01	Secretária
01	Coordenadora pedagógica
01	Gestora
01	Vice gestora
02	Merendeira
02	Porteiros
03	Professor de Apoio
02	Zeladores

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

A escola *lócus* desse estudo, oferta o ensino médio nos turnos: manhã e noite, totalizando 126 estudantes matriculados, distribuídos em 06 (seis) turmas, distribuídos dessa forma: 4 turmas pela manhã, 2 turmas à noite.

A comunidade escolar é composta por uma clientela diversificada sendo filhos de domésticas, operários, costureiras e autônomos. A instituição reconhece a importância do bom relacionamento entre comunidade e escola e com o intuito de estreitar esses laços, em que as datas comemorativas da escola são vivenciadas com a participação da família.

Figura nº 5

Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre



Fonte: Captura da máquina fotográfica da própria pesquisadora

A instituição é de pequeno porte e possui uma infraestrutura razoável ao que ela se propõe a ofertar, que é um ensino igualitário e satisfatório.

2.5 Participantes da pesquisa

Para que o presente trabalho de pesquisa possa ser conduzido, fez-se necessário a participação e seleção de alguns membros da escola pesquisada. Vale salientar que nesse estudo cada participante tornam-se, “indivíduos do campo de interesse da pesquisa, ou seja, o fenômeno observado” (Kauark, Manhães e Medeiros, 2010, p. 60), por fazerem parte do contexto investigado, ou seja, esses estão imbuído no problema. Dito de outro jeito, o participante é aquele sujeito que participa da ação na qual o pesquisador pretende realizar, e por meio do qual irá coletar os dados para concluir a investigação. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 387) “a seleção dos participantes depende de circunstâncias muito variadas. A este tipo de amostra também pode ser chamada auto- selecionada, em que as pessoas se propõem como participantes em um estudo a responder a um convite”. Nesse contexto, os participantes são de fundamental importância para a obtenção de dados, pois, são eles que fornecem informações de maneira peculiar e apontam elementos capazes de auxiliar no processo de análise da pesquisa.

Nesse sentido, o desenvolvimento desse estudo ocorreu no Colégio Estadual Castelo Branco de Campestre, no município de Campestre de Goiás no estado de Goiás. A escolha da escola ocorreu em razão da mesma ser bem-conceituada pela comunidade Campestrense pois tem ofertado um ensino qualitativo, embora possua poucas turmas, compatível com sua estrutura.

Para esta investigação, faz-se importante identificar os sujeitos envolvidos, quais sejam: professores da sala regular e professores de apoio a inclusão.

2.5.1 Professores

Nove (09) professores do Ensino Médio que lecionam com as turmas 1.º, 2.º e 3.º anos que tem dentro de sua sala de aula, alunos inclusos (com DI), ou seja, a amostra é 100% da população estudada, que responderão e colaborarão de forma significativa para a análise da pesquisa, apontando aspectos importantes encontrados no decorrer de sua ação pedagógica frente o ensino online. De acordo com Silva e Arruda (2014, p. 05); “um professor de sala de aula regular, não pode ser diferente de um professor de inclusão, onde seja valorizado o respeito mútuo à sua capacidade e seu espaço, facilitando assim sua atuação de forma livre e criativa

[...]”. Esses participantes são responsáveis pela mediação entre o aluno o professor de apoio, numa busca constante por oportunidades equitativas.

2.5.2 Professor de Apoio a Inclusão

Três (03) professores de apoio pedagógico, que trabalha com todos os estudantes inclusos nessa escola, na sala de aula juntamente com o professor, cuja função é auxiliar o aluno com deficiência nas atividades propostas pelo professor. Nesse sentido, é importante esclarecer que de acordo com Tartuci (2011), o trabalho do professor itinerante foi substituído pela inserção do professor de apoio nas escolas da Rede Estadual de Educação no Estado de Goiás. Com essa substituição, Flores (2011, p. 371), enfatiza que, [...] dentre as medidas tomadas pelo governo do estado de Goiás no sentido de garantir atendimento nas escolas de educação inclusiva foi providenciar que fossem colocados nas salas de aula, professores de apoio”. Dessa forma, os alunos com deficiências têm o auxílio do professor de apoio, que por sua vez, auxiliam também o professor nas suas práticas inclusivas.

A escolha desses públicos se deu em razão de serem os únicos que lecionam nessas turmas e que possuem uma ligação direta com as estratégias utilizadas no processo de inclusão escolar na escola pesquisada. Nessa escola, em todas as turmas há alunos com DI. Assim, esses participantes são fundamentais para responder aos questionamentos dessa pesquisa.

Tabela nº 03:

Participantes da Pesquisa

PARTICIPANTES DA PESQUISA	
Professor do ensino médio	09
Professor de apoio a inclusão	03

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Na seleção dos participantes de uma pesquisa, é importante se estabelecer uma interação entre o investigador e os sujeitos pesquisados, sem, no entanto, envolver-se no processo. A esse respeito, Sampieri, Collado e Lucio (2014, p. 398) afirmam que:

O investigador deve ser sensível, genuíno e aberto e nunca se esquecer do motivo pelo qual está no contexto. O mais difícil é criar laços de amizade com os participantes e ao mesmo tempo manter uma perspectiva interna e outra externa. Em cada estudo, você deve considerar o papel que você assume, em que condições você o desempenha e estar se adaptando às circunstâncias.

Assim, considera-se que é fundamental, observar e ouvir os participantes de forma impessoal e neutra, para que os resultados obtidos não interfiram no produto final da investigação.

2.6 Tipo e enfoque da pesquisa

Uma vez que esta pesquisa estuda e observa os fenômenos de uma pequena população envolvida diretamente com a problemática, a metodologia aplicada tem o enfoque Qualitativo do tipo Descritivo.

A pesquisa qualitativa para Knechtel (2014, p. 98), “[...]se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais, considerando-se as motivações, as crenças, os valores e as representações que permeiam a rede das relações sociais”, ou seja, ela tem o propósito de conseguir compreender o comportamento de determinado público-alvo da pesquisa. Nesse entendimento a pesquisa qualitativa, compreende o significado e a intencionalidade do contexto social, ao mesmo tempo que privilegia o contato das informações, ora coletadas para o alcance de uma visão detalhada do fenômeno pesquisado.

Procurando as orientações de Prodanov e Freitas (2013, p. 70), em relação as características de uma investigação qualitativa, eles entendem que ela “tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”. A pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, ou seja, o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados.

Na concepção de Lüdke e André (2013), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos através do contato direto do pesquisador com a situação estudada,

dando a ênfase mais ao processo, do que o produto, centrando-se em retratar a perspectiva dos participantes. Campoy (2018, p. 262) sobre as características de uma investigação qualitativa, ele cita;

La característica principal de la investigación cualitativa es la “interpretación”. La interpretación supone integrar el discurso, relacionar elementos, establecer conexiones ente las diversas categorías, resignificar un sentido, integrar los significados de lo latente que se hace manifiesto, buscando un sentido el “todo”.

Em consonância com o que foi exposto, pôde-se verificar que o enfoque qualitativo da pesquisa, foi condizente nesse estudo porque possibilitou o levantamento de dados consistentes e necessários para responder aos objetivos e o problema proposto por esse estudo.

Quanto ao alcance, a pesquisa é descritiva e sendo assim, para se obter este tipo de pesquisa, “deve ser feita uma descrição cuidadosa dos fenômenos, ordenada e sistêmica para interpretar se as variáveis” (Campoy, 2016, p.144). Para isso, se faz necessário que o pesquisador observe, analise e compreenda a realidade estudada, contribuindo para a resolução dos problemas inerentes a temática pesquisada. Nos estudos de Leão (2016, p. 107), a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição dos fatos tal qual eles se encontram”. As contribuições de Gil (2008, p. 47), nos direcionam a respeito da pesquisa descritiva, ao afirmar que ela tem como objetivo principal “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis... São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”. Dentro desse entendimento, ela é indicada para esse estudo, pois tem-se como finalidade descrever situações já existentes, sem a intervenção do pesquisador nas questões observadas.

2.7 Técnicas e Instrumentos utilizados para a coleta de dados

As técnicas e procedimentos para coleta de dados se deu durante as etapas que foram desenvolvidas nessa pesquisa e teve como finalidade, obter informações precisas a respeito do problema estudado. Portanto, nessa investigação utilizou-se como técnicas para a coleta de dados a entrevista estruturada. Para Minayo (2001, p. 42), “devemos definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo

[...]como para a pesquisa complementar de dados” [...]. Já Zanella (2013, p. 64) diz que “as técnicas mais utilizadas para a coleta de dados são: análise documental, entrevista, questionário e observação. A opção por uma ou uma combinação delas depende do tipo, da abordagem e do objetivo da investigação”. A escolha dessa técnica e instrumento deu-se pela busca de informações que tenham por finalidade explicar o fenômeno que envolve o papel do professor da sala regular no ensino online, além de buscar responder e solucionar o problema proposto.

Dentro dessa ótica, apresentam-se em seguida a técnica utilizada para a coleta de dados necessários para a investigação da pesquisa.

2.7.1 Entrevista semiestruturada

A entrevista se configura como a social entre o investigador e a pessoa entrevistada. É realizada para compreender algum fenômeno, que é o objeto da pesquisa científica. De um lado àquele que busca a informação e do outro, àquele que responde do que se está pesquisando. Segundo Alvarenga (2019), esta técnica é utilizada por vários profissionais no estudo do campo das ciências humana, dentro da investigação de abordagem qualitativa.

Dencker (2000), classifica as entrevistas em estruturadas, que são constituídas por perguntas definidas ou semiestruturadas, que permite uma maior liberdade ao pesquisador. Já Lakatos e Marconi (2011, p. 80), acrescenta outra classificação, e diz que também há a entrevista aberta que ocorrem quando há “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Nesse sentido, para esse estudo optou-se pela entrevista semiestruturada, pois de acordo com DiCicco-Bloom e Crabtree (2006) este tipo de entrevista está “organizada em torno de um conjunto de questões abertas pré - determinadas, com outras questões emergindo a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (p. 315). A vantagem da entrevista semiestruturada em relação as demais é que há chance de maior proximidade e de maior interação entre o entrevistador e a pessoa entrevistada.

2.8 Elaboração e Validação dos Instrumentos da Pesquisa

Para que o conteúdo de um instrumento de pesquisa tenha validade, é preciso passar por uma avaliação criteriosa, para se verificar se as perguntas elaboradas, correspondem aos objetivos específicos que norteiam a pesquisa. Para que isso se concretizar-se foi necessário ser enviados para uma quantidade específicas de professores doutores (03) da área disciplinar em que se situa a investigação, tendo como objetivo apreciarem ou não a pertinência das perguntas. Para Campoy (2016, p. 89), “se entende que a validação é um processo contínuo” que envolve procedimentos diferenciados “para comprovar que um instrumento ou técnica “mede o que disse realmente medir”. Nesse sentido, os três doutores analisaram e avaliaram o conteúdo da entrevista, dando o feedback não encontrando divergências entre as perguntas e as possíveis respostas dadas pelos investigados.

2.9 Procedimentos para a coleta de dados

Os procedimentos para a coleta de dados referem-se as etapas que o investigador percorre para a colheita das informações para a concretização do trabalho final. Os procedimentos é “a maneira pela qual se obtêm os dados necessários” (Andrade, 2009, p. 115). Nesse entendimento podemos então afirmar que, os procedimentos na pesquisa é o roteiro estabelecido pelo pesquisador durante o desenvolvimento de toda a pesquisa, os quais serão expostos a seguir:

De modo bem confortável, foi realizado o primeiro contato com a escola selecionada e se deu a partir de uma conversa formal com a gestão escolar. Nesse momento, apresentou-se a solicitação formal da investigação, que após leitura, a gestora procurou indagou sobre algumas dúvidas que foram sanadas, por esta investigadora, e após os esclarecimentos, autorizou o contato com os sujeitos envolvidos no processo dessa pesquisa (professores da sala regular do ensino médio e professores de apoio).

O encontro com os públicos alvos se deram em momentos distintos, no quais foram apresentado a finalidade e os objetivos da pesquisa, enfatizando a relevância do estudo tanto para a escola envolvida como para a secretaria de educação do município em questão, salientado -se que após a análise e interpretação dos dados, o resultado da investigação poderia contribuir para a melhoria do processo de inclusão escolar, com o uso das tecnologias.

Após esses encontros, marcou-se o dia e horário para a realização da aplicação das entrevistas com os sujeitos envolvidos. Vale salientar que por serem professores de disciplinas específicas, a entrevista foi aplicada em dias e horários diferenciados.

As entrevistas foram realizadas por essa pesquisadora e com os participante em hora e dia marcados pelos sujeitos públicos dessa pesquisa.

Após a recolha das entrevistas foi dado início a análise e interpretação dos resultados, conforme se apresenta no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Esse capítulo, refere-se ao período em que ocorre a interpretação dos dados, colhidos após a definição dos objetivos da pesquisa com o uso das técnicas e dos instrumentos, que possibilitaram obter as informações necessárias, consolidando-as com as fases metodológicas em relação ao objeto e a teoria. Nesse momento o investigador tem como missão, ler, reler e interpretar as respostas advindas das entrevistas aplicados aos participantes da pesquisa, qualificando o objeto de estudo.

Por meio dos dados coletados, a pesquisadora buscou refletir quais foram as informações pertinentes e significativas para elaborar a análise geral desse estudo. Para tal, foi utilizado a entrevista que serviu para o êxito no detalhamento do objeto de estudo, possibilitando as interpretações acerca do tema.

Nessa perspectiva, apresenta-se a seguir a análise da entrevista à luz dos autores que fundamentaram esse estudo, bem como dos participantes dessa pesquisa.

3.1. Resultados de entrevistas a professores de sala de aula Regular

Análise da coleta de dados dos professores do ensino médio nas turmas do 1.º, 2.º e 3.º anos no Colégio Estadual Castelo Branco, serão denominados dessa forma:

Prof. A; Prof. B; Prof. C; Prof. D; Prof. E; Prof. F; Prof. G; Prof. H; Prof. I;

A aceitação dos professores da sala regular em relação à inclusão dos alunos com deficiências

O direito à inclusão das pessoas com deficiência no âmbito escolar tornou-se um tema para diversas pesquisas, debatida pelo poder público, por professores, gestores e coordenadores do nosso país entre outros grupos especiais. Nesses discursos, há sempre inquietações a respeito de como o professor da sala regular tem abraçado a inclusão na sua sala de aula.

Sabe-se que o professor deve receber uma formação diferenciada para que possa receber o aluno especial (Michels, 2006), mas, para Muller e Surel (2010), além da formação outras dificuldades são encontradas pelo professor no processo de inclusão escolar, entre elas estão: a adequação do espaço físico das escolas, apoio técnico-pedagógico, participação da família, adaptação curricular, material didático inadequado, excesso de aluno em sala de aula . Pensando nessas possibilidades, foi perguntado o seguinte: “Como se sente como professor da sala regular com alunos inclusos”?

Tabela nº 4:

A aceitação do aluno com deficiência pelos professores da sala regular

Prof. A	Como professora me sinto feliz em participar do processo de inclusão, pois, vejo como é importante essa interação.
Prof. B	O desafio enfrentado é a falta de interesse dos alunos em aprender, mesmo com o professor de apoio.
Prof. C	Me sinto inseguro, necessito de capacitação na área para acolher melhor meus alunos.
Prof. D	Me sinto com alguns desafios a vencer, mas trabalhando em conjunto com o professor, estamos conseguindo sanar as dificuldades dos alunos.
Prof. E	Difícil descrever. Mas me sinto desafiada em juntamente com os professores de apoio, a procurar meios para que nossos alunos tentem absorver ao menos um pouco daquilo que está sendo ensinado.
Prof. F	Hoje me sinto mais tranquila, depois que busquei a especialização em inclusão para poder atender a esses alunos.
Prof. G	Um dos pontos mais desafiadores, foram as dificuldades, tanto para os professores de apoio quanto para o aluno nas adaptações as aulas remotas.
Prof. H	Tranquilo, já que adapto as atividades de educação física a cada singularidade e repasso para o professor de apoio acompanhar.
Prof. I	Me sinto desamparada sem saber como trabalhar com cada deficiência.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Nas respostas obtidas, ficou evidente que 06 professores (a maioria) se sentem despreparados para trabalhar com a inclusão, apenas os Prof. A, F e H, sentem-se preparados para trabalhar com a inclusão.

O processo de inclusão dos estudantes nas aulas online

Aprender a estudar a distância é um desafio, principalmente para as pessoas com deficiência intelectual, levando-as a enfrentarem uma luta diária quando se fala em aprender através das tecnologias. Esses desafios vão desde a falta de conhecimento de como se dá o seu uso, até a falta de habilidade do seu professor. Nessa linha, Mendes (2020, p. 24) ressalta que:

É provável que haja dificuldades de adaptação ao modelo de ensino remoto das mais diversas ordens, já que as redes de ensino ainda não adotam o uso consistente de tecnologias e tanto os estudantes quanto os professores têm pouca familiaridade com as ferramentas de ensino a distância.

Corroborando com o autor, é possível que diante do ensino mediado pelas tecnologias, o efeito esperado não se concretize, devido aos aspectos tocados pelo autor. Foi com esse entendimento que foi feita a seguinte pergunta: “Como se deu o processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual no ensino online? Descreva”.

Tabela n.º 5:

Inclusão e aula online

Prof. A	Se deu através do professor de apoio.
Prof. B	Na escola o professor de apoio tem seu papel, respeitado. Participo do planejamento e tenho autonomia na elaboração das atividades adaptadas.
Prof. C	Além das atividades impressas, fazia vídeo chamada.
Prof. D	Os professores de apoio participaram dos grupos que foram criados para que fosse a forma de intermediar as aulas ministradas pelo Meet, e assim entrava em contato com cada aluno no privado.

Prof. E	Foram assistidos pelo professor de apoio. Criei grupo de WhatsApp para enviar as atividades e as professoras adequavam da melhor forma possível, de modo que eles podiam aprender de acordo com suas limitações.
Prof. F	Como temos especificidades de alunos com deficiência intelectual, usei os celulares com uns e para os outros enviamos as atividades impressas com o auxílio dos pais. Conseguimos atender alguns, mas outros não foram assistidos 100%.
Prof. G	Sim, levando em conta as potencialidades e necessidades de cada um, traçamos um plano individual, pois, nenhum estudante com intervenção igual.
Prof. H	As atividades em sua maioria se davam com gravações de vídeos acompanhado por seus familiares.
Prof. I	Teve o apoio dos professores que os acompanham durante toda a pandemia com uso de metodologias específicas para cada deficiência.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Diante do que foi analisado, podemos perceber que a maioria dos professores atribuiu ao professor de apoio como responsável pela inclusão dos estudantes no ensino online.

Os desafios encontrados pelo professor no ensino online com o uso das tecnologias digitais

Com o ensino online, as Tecnologias Digitais ganham destaque no âmbito escolar. Com elas, surgem novas metodologias, novas formas de ensinar. Para muitos professores, utilizá-las no seu dia a dia, passa ser um desafio, tendo em vista que, em muitas escolas, a prática pedagógica que prevalece é aquela em que o professor utiliza o quadro e o livro didático. Essa prática de acordo com Saviani (1991), o método tradicional continua sendo o mais utilizado pelos sistemas de ensino, principalmente os destinados aos filhos das classes populares. A esse respeito, procuramos saber o seguinte: “Quais desafios você encontrou para mediar o saber por meio das tecnologias digitais no processo do ensino de inclusão de estudantes com deficiência intelectual no ensino online”?

Tabela n.º 6:

As dificuldades encontradas pelo professor no ensino com as tecnologias

Prof. A	Houve muitos desafios, desde os alunos não possuem celular com internet como e quem os ajudassem em casa.
Prof. B	Se deu através das atividades adaptadas e elaboradas da melhor forma para a compreensão dos alunos nas áreas onde eles apresentam dificuldades de aprendizagem.
Prof. C	Tive dificuldades em organizar o tempo que coincidissem com o da família para que pudesse auxiliar em casa, nos momentos de estudos, motivando-os auxiliando-os a manusear as ferramentas tecnológicas.
Prof. D	Com o uso das tecnologias, nós professores procuramos desenvolver conteúdos para cada aluno com suas limitações conduzindo o conhecimento de maneira para se adaptar.
Prof. E	Muitos desafios, principalmente o desafio de ser a distância não poder conhecer pessoalmente o aluno. O fato que alguns não dispunham de meios adequados para participar das aulas.
Prof. F	O primeiro desafio foi os alunos não terem a internet em casa e outros como: alunos que domina a tecnologia, falta de celular, dificuldades por parte dos pais em relação ao uso das tecnologias.
Prof. G	Os recursos adaptados foram: os materiais em vídeos, onde havia legendas impressas e autodescrição de textos legíveis e caixa alta.
Prof. H	A falta de contato físico para fazer as inserções e tempo, pois o trabalho sempre foi em momentos coletivos.
Prof. I	Identificar se esses alunos conseguiram desenvolver algum aprendizado de acordo com suas dificuldades.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Como se pode perceber, entre os desafios enfrentados, estão a falta de acessibilidade pelos alunos com a tecnologia, e a ausência de contato físico entre professor e aluno, de conhecer-se pessoalmente.

A participação da família dos alunos com deficiência intelectual no ensino online

A família por mais participativa que seja no processo de inclusão escolar (Mantoan, 2003) encontra dificuldades de mudar a rotina dos filhos que tem deficiência, principalmente a intelectual. No ensino online, essa mudança foi precisa, para que a escola não perdesse de vista a comunicação com os alunos e a família. Contudo, sabemos que nem sempre a família tem a mesma sensibilidade para ensinar aos filhos ou mesmo tempo disponível para isso. Além do que, era na escola que boa parte desses alunos tinha a possibilidade de vivenciar os mais diversos tipos de trocas de experiências no convívio com os outros, experiências que são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social dos mesmos. Foi com essa concepção que perguntamos: “Como se deu a participação da família no processo do ensino online dos alunos com deficiência intelectual”?

Tabela n.º 7:

A participação da família no contexto das aulas online

Prof. A	A maioria das famílias não tinham tempo para auxiliar os alunos especiais.
Prof. B	Mesmo com as limitações eles auxiliaram as atividades a distância, sempre mantendo contato com o profissional de apoio e com o professor regente.
Prof. C	Em alguns casos houve a falta de compromisso e preparo da família para lidar com as aulas online.
Prof. D	Foram muitos participativos, nos ajudando para que os alunos pudessem alcançar melhor aprimoramento.
Prof. E	Os pais estavam a par do processo nos grupos de WhatsApp e acredito que acompanhavam de perto seus filhos quando esses interagem com o professor de apoio.
Prof. F	Alguns pais até tentaram auxiliar os filhos, mas com grandes dificuldades. Outros nem conseguiram, pois, o trabalho e os afazeres domésticos não deixaram tempo para essa participação.
Prof. G	Sim. A maioria dos pais conseguiram reajustar a sua rotina, para os afazeres escolares, separando 1(um) dia, 2(duas) horas de estudo.
Prof. H	Na leitura de textos, na gravação de vídeos, na execução de exercícios práticos.

Prof. I	A família se comprometeu e auxiliou bastante todos os alunos. Sem a família e a escola nada poderia ser feito.
---------	--

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Assim, pode-se perceber que a maioria dos pais, auxiliaram seus filhos nas atividades que foram propostas pelos professores, mas outros pontuaram dificuldades como: a falta de disponibilidade de tempo da família no auxílio as atividades proposta aos filhos.

O investimento na formação do professor quanto ao uso das tecnologias na sala de aula

A tecnologia está cada vez mais presente na atualidade, viabilizando mudanças, principalmente na escola, que necessitará investir na formação do seu professorado para possibilitar que esse tenha propriedade ao utilizar as tecnologias no ensino-aprendizagem. Sobre isto, Resende (1995, p. 158) afirma que “[...] para se pensar a mudança na escola é aquela que contempla a figura do educador, seja ele, especialista ou professor. Isto porque se eles não se dispuserem a reconstruir sua formação e autogerir o aprimoramento profissional, todo o processo estará comprometido”. Partindo dessa afirmativa, perguntamos: “Como você vê a aplicação de investimentos da escola na formação do professor para trabalhar com as tecnologias digitais”?

Tabela: n.º 8

O investimento da escola na formação docente

Prof. A	A escola tem contribuído bastante.
Prof. B	Acho essencial no campo educacional, pois, é uma ferramenta benéfica para o ensino -aprendizagem.
Prof. C	Deixou a desejar. Os professores tiveram que se reinventar por conta própria.
Prof. D	Com a utilização das ferramentas, foi mais fácil o desempenho dos alunos, por usar algo que eles utilizavam muito durante todo o tempo.
Prof. E	Um investimento bastante válido, porque de agora em diante será uma realidade cada vez mais atual, mais necessária. É importante que o professor acompanhe esse processo tecnológico e esteja apto a trabalhar com ele como seu aliado.

Prof. F	Ainda não tinha força antes da pandemia. Só agora começando a incentivar essas formações.
Prof. G	Ótima. Tivemos cursos durante a pandemia.
Prof. H	Boa. Porém pode melhorar.
Prof. I	A formação é ofertada para o professor de apoio, professor regente não tem esse tipo de formação específica.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Na análise realizada da tabela acima, ficou nítido que a maioria dos professores responderam que a escola investiu na formação, todavia, o Prof. I, salienta que essa formação foi direcionada ao professor de apoio, enquanto o Prof. C, relatou que os professores tiveram que se reinventar, ou seja, buscar esse conhecimento por conta própria.

A utilização das tecnologias e a formação do professor da sala regular

A utilização das tecnologias tem sido apontada por grande parte dos professores como uma forma de expandir o conhecimento, bem como possibilitar a captação e a atenção dos alunos no conteúdo ministrado, colaborando para que o professor possa transformar uma aula estática e expositiva em uma nova forma de ensinar, tornado sua aula mais dinâmica.

Na perspectiva de Barbosa (2014, p. 45), as tecnologias ajudam na qualidade do ensino, pelo seu teor interativo, dinâmico e intensificado, capazes de ajudar o aluno a compreender e aplicar o conhecimento, oferecendo ao professor, a oportunidade de criar novas estratégias pedagógicas. Tudo isto, parte de uma formação coesa, pautada nos anseios da sociedade atual. Sobre este assunto, indagamos: “Você possui formação para trabalhar com o processo de inclusão mediado pelas tecnologias digitais? Por quê?”

Tabela n.º 9

As tecnologias e a formação do professor da sala regular

Prof. A	Sim. Já fiz alguns cursos.
Prof. B	De certa forma, os professores incluindo “eu”, não estão o suficiente preparados em sua formação atual para utilizarem essas novas tecnologias em seu cotidiano como práticas pedagógicas.
Prof. C	Não, pois me falta recursos financeiros para realizar a formação.
Prof. D	Não. Apesar de que as tecnologias possuem um papel de tamanha importância, por ser algo que os alunos utilizam bastante. Porém tenho bom desempenho com as tecnologias.
Prof. E	Não.
Prof. F	Tenho formação em inclusão, mas não mediada pelas tecnologias, mas estou sempre buscando e fazendo cursos para desenvolver as aulas com mais clareza e que realmente esses alunos tenham esses direitos garantidos.
Prof. G	Sim, pois com a chegada da pandemia tive que procurar formação na área de tecnologia digital.
Prof. H	Não possuo formação específica. Porém tivemos capacitações. A falta de conhecimento desses cursos e acessibilidade aos mesmos dificultam.
Prof. I	Tenho formação em inclusão para trabalhar presencialmente, de forma online não.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Diante da tabela n.º 9, foi possível captar que a maioria dos professores não se sentem preparados para trabalhar com as tecnologias, fato que contribuiu para que eles ou fiquem no comodismo, ou vá em busca do seu aperfeiçoamento profissional.

O processo de aprendizagem no ensino online: avanços ou retrocessos?

Com a pandemia houve a necessidade de colocar milhares de alunos e professores em um ambiente 100% online. Nesse ambiente, as atividades escolares passaram a ser fotografada/digitalizada, e outras vezes precisou-se utilizar vídeos, músicas para que o conteúdo fosse dado. Em meio a esse novo jeito de ensinar, muitos problemas surgiram, tornando-se “inviável desde a oferta para a grande massa, que ainda carece de esgoto encanado e água potável, então a internet e dispositivos tecnológicos não estão na lista de prioridades

dessas famílias” (Oliveira, 2020, p. 3). Acreditando nessas possibilidades arguamos: “Você observou alguma diferença no comportamento do aluno com deficiência ou algum sinal de avanço no processo de desenvolvimento e aprendizado no mesmo, a partir das tecnologias no ensino online”?

Tabela n.º 10

A aprendizagem escolar no ensino online

Prof. A	Não. Pois a maioria dos estudantes não tem equipamento e internet.
Prof. B	Não, pois quando começou o ensino online ainda não havia se trabalhado com as TDICs. Os alunos sentiram dificuldades e distanciamento devido a falta da presença trazendo uma regressão na aprendizagem
Prof. C	O resultado foi mediano.
Prof. D	Nota-se um bom desempenho e um bom desenvolvimento facilitando a aproximação dos alunos com os conteúdos, através de algo que eles têm em mãos e utiliza muito.
Prof. E	Não.
Prof. F	É bem difícil afirmar que houve avanços, pois os nossos alunos tiveram poucas aulas online e com uso das tecnologias, mas foi materiais impressos e o pouco que tiveram não deu para ter esse avanço.
Prof. G	Sim, foi meio termo. Alguns tiveram uma ótima aprendizagem e outros não se adaptaram com os meios tecnológicos.
Prof. H	Não percebi, assim como os demais, criam-se lacunas.
Prof. I	Sim. O uso das tecnologias possibilitou que os alunos com deficiência se tornassem mais desinibido, pois eles tinham que dialogar mais com seus professores, tendo assim um contato maior com o mesmo.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Na análise da tabela n.º 10, é possível perceber que apenas os Prof.^{os} D, G e I, observaram um bom desempenho dos estudantes com o ensino on-line, enquanto os demais afirmaram que não. Essa falta de avanços na aprendizagem pode estar relacionada a concepção de inclusão que muitos professores possuem.

O uso das tecnologias e a adaptação dos conteúdos no ensino online

O uso das TDICs, por alguns professores têm alterado as formas do mediar o conhecimento, possibilitando uma melhor comunicação e adaptação dos conteúdos em prol de uma escola inclusiva. A respeito disso, Rodrigues e Santos (org. 2020, p. 16), comentam que: “No campo da educação percebemos que a tecnologia contribui para aprimorar e dinamizar as ações pedagógicas e possibilitar uma nova forma de trabalhar o ensino da leitura”. Assim, acreditando nessa possibilidade, perguntamos o seguinte: “Antes da pandemia da COVID 19, você utilizava algum tipo de tecnologia na sala de aula presencial para adaptar o conteúdo para os estudantes inclusos? Qual(s)”?

Tabela n.º 11

A adaptação do conteúdo escolar

Prof. A	Não, somente material impresso.
Prof. B	Sim, mas já levava pronto, ou seja, eles não tinham esse contato com as TICs.
Prof. C	Sim, sempre utilizávamos o celular ou o notebook.
Prof. D	Sim, Utilizamos o celular e os computadores.
Prof. E	Não utilizava.
Prof. F	Poucas vezes foram usadas as tecnologias para esses fins.
Prof. G	Sim, sempre utilizo computadores com pacote de office para adaptar as atividades.
Prof. H	Sim. Exercícios práticos e linguagem adequada.
Prof. I	Não utilizava nenhum.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Na tabela n.º 11, pode-se perceber que grande parte dos professores não utilizavam as tecnologias para adaptação dos conteúdos para auxiliar o estudante com deficiência. Utilizava apenas uma tecnologia para impressão das atividades.

Os softwares usados pelos professores no ensino online

Durante o processo da COVID 19, os softwares aplicativos educacionais, foram bastante utilizados por professores e alunos, como uma forma de fixar melhor o conteúdo, ao mesmo tempo que contribuiu para uma aprendizagem lúdica. Em relação ao software/aplicativo, López e Toledo (2011, p. 25) dizem que eles “são programas que permitem que você execute tarefas específicas, tais como: controle de pessoal, editoração de texto, cálculo com planilhas eletrônicas, desenhos, etc.”, aproximando o aluno com a tecnologia. Sobre este assunto, indagamos: “Você utilizou algum(s) software(s) especial no processo do ensino online para os estudantes inclusos? Qual(s)”?

Tabela n.º 12

O uso de softwares educativos no processo do ensino online

Prof. A	Sim. Uso de plataformas de jogos interativos online.
Prof. B	Não. Apenas a internet.
Prof. C	Através de vídeo chamada, reunimos para planejar as atividades.
Prof. D	Sim. WhatsApp e Google Meet.
Prof. E	Não. Alguns alunos assistiam as aulas que eu ministrava pelo Google Meet, mas todos.
Prof. F	Utilizei o Wordwall para trabalhar aula de matemática com quebra cabeça e outras atividades, o google formulário.
Prof. G	Sim. O Google Meet, o Zoom e o WhatsApp.
Prof. H	Não utilizei nenhum.
Prof. I	Sim. Uso de plataformas de jogos interativos online.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Na tabela n.º 12, podemos perceber que somente o Prof. F utilizou um aplicativo educacional, o Wordwall como ferramenta de apoio ao conteúdo escolar. Outros disseram que utilizaram jogos interativos, mas não pontuaram quais.

A articulação entre o professor do ensino regular com o professor de apoio

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015) garante o direito à igualdade e à liberdade, visando a inclusão social e ao mesmo tempo assegurando a cidadania de todas as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, fazendo-se importante compreender-se o papel do professor de apoio na educação inclusiva, principalmente na sala de aula do ensino regular. A esse respeito, foi perguntado: “Como se deu a articulação entre você o professor de apoio para o ensino online”?

Tabela n.º 13

A articulação do professor da sala de aula com o professor de apoio

Prof. A	Através da adaptação das atividades e conversas por celular.
Prof. B	Boa. Valorizava as adaptações necessárias juntamente com o profissional de apoio, elaborando cada uma das atividades dependendo do grau da dificuldade.
Prof. C	Através do vídeo chamada nos reunimos para planejar e adaptar as atividades.
Prof. D	Tivemos bons resultados ao trabalharmos em conjunto, conseguimos alcançar quase todos os objetivos.
Prof. E	Conversamos por WhatsApp para definir como adaptar os conteúdos.
Prof. F	Através do Meet Google e do WhatsApp, discutíamos sobre as dificuldades dos alunos. Enviava as atividades para a professora de apoio auxiliar o aluno.
Prof. G	Ótima. Sempre planejamos e elaboramos o material em conjunto através de encontros com muito estudo e adaptação.
Prof. H	Harmonicamente, pois durante a pandemia, o professor de apoio fazia o elo, já que ele acompanhava de forma exclusiva o aluno, além de facilitar o contato do mesmo com o conhecimento através dos conteúdos ministrados.
Prof. I	Tivemos que andar juntas, um auxiliando o outro, pois nesse período, o professor de apoio, se tornou o próprio professor regente, tivemos uma grande ajuda.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Na tabela 13, ficou evidente que o professor da sala regular, manteve uma comunicação amigável com o professor de apoio. Sem essa boa comunicação o processo de inclusão não acontece.

As lacunas na formação docente para trabalhar com inclusão escolar

No processo de inclusão, o professor se torna a figura central, o que nos possibilita indagar quais circunstâncias ocorrem sua formação continuada, e como a sua formação inicial o preparou para lidar com as diversidades escolares no contexto do ensino em que as tecnologias são essenciais. Quanto a isso, Amaral, Nogueira e Munhoz (2014) alertam que formação dos professores deve estar alinhada ao uso das tecnologias, as quais colaborarão para a renovação de suas práticas. Mas, contudo, muitos professores que vem atuando nas escolas públicas, possui uma formação em que nesse tempo, as tecnologias não faziam parte da grade curricular das licenciaturas, carecendo desses, buscarem o conhecimento tecnológico, através de cursos ou da formação em serviço. Nessa perspectiva, questionamos o seguinte: “Há lacunas existem na sua formação docente para trabalhar com a inclusão escolar mediado pelas TICs”?

Tabela n.º 14

Lacunas na formação docente

Prof. A	Sim.
Prof. B	Em alguns pontos sim, como é o caso da formação mais geral e ampla das disciplinas de exatas a serem exploradas e trabalhadas no contexto das TICs.
Prof. C	Sim. Pretendo abranger mais meus conhecimentos através da formação.
Prof. D	Não muito, porém sempre tem algo novo para aprender.
Prof. E	Sim, com certeza.
Prof. F	Existe grandes lacunas, porém busco essas formações para preencher essas lacunas.
Prof. G	Sim sem dúvidas. Nós enquanto professores sempre devemos aprimorar nossos conhecimentos.
Prof. H	Sim, pois precisamos ter mais conhecimentos com softwares especializados que facilitava este trabalho e sanaria este espaço.
Prof. I	Sim, pois o suporte pedagógico é muito pouco.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

De acordo com os professores, há lacunas de aprendizagem na sua formação acadêmica, para trabalhar com inclusão escolar e com tecnologias.

As estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor para incluir os alunos com deficiências no ensino online

Incluir o aluno com deficiências no ensino em que as tecnologias é o foco principal desse processo, tem sido um desafio posto à escola, especialmente para o professor com alunos inclusos. Para que ocorra a inclusão das tecnologias no contexto escolar, se faz preciso que o professor esteja capacitado, planejando suas ações, criando estratégias que possam de fato “incluir”. Portanto, [...] a implantação de tecnologias informatizadas na educação implica em mudanças em todos os atores envolvidos no ambiente escolar, desde políticas públicas, secretarias de educação, escolas, diretores, professores, alunos e até a comunidade,[...] de modo que [...] a informática possa efetivamente ser adotada como prática pedagógica inovadora nas escolas e contribuir para a formação dos alunos [...] (Souza, 2017, p. 48). Dessa forma, perguntamos: “Quais estratégias você utilizou para inserir os alunos com deficiências no ensino on-line”?

Tabela n.º 15

Estratégias utilizadas pelo professor para incluir o aluno no ensino online

Prof. A	Envio de vídeos e jogos online para os alunos que tinham internet em casa.
Prof. B	No início foi difícil pois não gostavam do ensino a distância que a internet trazia, mas, fomos trabalhando com chamada de vídeo para eles se sentirem mais perto.
Prof. C	Atividades adaptadas, jogos interativos, dinâmicas entre outros.
Prof. D	Jogos educacionais, materiais ilustrativos, aprimorando os conteúdos.
Prof. E	Na verdade, a maior parte do processo foi mediado pelos professores de apoio.
Prof. F	Aula pelo WhatsApp, envio de atividades impressas e entregue aos alunos, explicação de atividades adaptadas com auxílio do professor de apoio.
Prof. G	Vídeos chamadas, premiação para família que acompanhassem os alunos.
Prof. H	Vídeos, aulas no WhatsApp e atividades impressas.
Prof. I	Parceria com os outros professores, como trocas de experiências onde possibilitou alternativas e metodologias que inserisse esse aluno nas aulas.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Na tabela 15, fica evidente que a maioria dos professores não utilizaram estratégias específicas para incluir os alunos no ensino online. O Prof. E, relatou que essa atribuição ficou a cargo do Professor de Apoio. Já o professor o Prof. G, premiava a família do aluno que o auxiliasse, que ao nosso ver, seria difícil isto acontecer, pois se estávamos no período de afastamento social, fica aqui, nossa inquietação, bem como, que tipo de premiação era possível ser dada nesse momento.

Indicação de metodologias para se trabalhar com os alunos inclusos usando as tecnologias disponíveis na escola

As tecnologias na sala de aula, como computadores, notebook, celulares softwares, aplicativos, dentre outros, tem se tornado ferramentas importantes para as escolas, sendo possível perceber que essa Instituição não conseguem mais se movimentar sem a ajuda dessas, no seu dia a dia, seja na parte pedagógica e ou na administrativa. A esse respeito, Costa e Matos (2016, p. 26), salientam que:

[...] utilizar as tecnologias dentro da sala de aula não deve ser um empecilho: cabe ao professor orientar o processo no que diz respeito ao conhecimento científico a ser abordado. Para os alunos esse tipo de atividade representa o desafio de construir novas maneiras de aprender com a experimentação dos recursos tecnológicos disponíveis. Eles, nativos digitais, certamente, terão bastante facilidade e interesse ao serem desafiados a partir de uma intervenção inovadora e diferenciada.

Corroborando com os autores, perguntamos: “Você indicaria alguma metodologia para o professor de sala regular trabalhar com os alunos com deficiência intelectual utilizando as tecnologias disponíveis na escola? Qual”?

Tabela n.º 16

As tecnologias disponíveis na escola

Prof. A	A escola possui equipamento de qualidade, mas, o importante não tem com qualidade que é a banda larga.
Prof. B	Sim. O uso de jogos educacionais como meio de mediação, aprendizagem e eficiência para criar um ambiente mais dinâmico e atrativo.
Prof. C	Sim, pois hoje com o avanço das tecnologias, devemos incluir por igual todos os nossos alunos a essa nova eram digitais.
Prof. D	Sim. o uso de jogos educacionais.
Prof. E	Jogos online relacionados ao conteúdo.
Prof. F	Sim. Desenvolver aulas em grupos no Wordwall com quebra-cabeça.
Prof. G	Sim, fazer uso de jogos através de vídeos chamada para incluir os mesmos em aulas diferenciadas.
Prof. H	Sim, Vídeos aulas para os alunos apresentarem seus trabalhos em casa.
Prof. I	O uso de plataformas digitais como jogos online interativos.

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

Diante das respostas torna-se evidente que os professores indicariam entre tantas, as tecnologias relacionadas a jogos, apenas não pontuaram mais uma vez, quais.

ANÁLISE FINAL

Após a análise da entrevista dos professores do ensino médio da classe regular, ficou claro que eles encontraram dificuldades em trabalhar com a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino online. Em sua maioria atribuiu essa responsabilidade ao professor de apoio, como sendo o único responsável pelo processo de inclusão.

Em relação ao apoio da família no processo do ensino online, a pesquisa apontou que houve pouca participação dessa Instituição no processo em que as aulas presenciais precisaram ser suspensas em razão da pandemia, fato esse apontado pelos sujeitos investigados como: a falta de tempo e dos recursos tecnológicos.

Ficou também constatado nas falas dos pesquisados que a escola tem investido na formação docente, mas, mesmo com esse investimento, há lacunas no processo de apreensão das tecnologias.

Foi pontuado que grande parte dos professores não conhecem os softwares que podem melhorar o processo de inclusão para alunos com comprometimento intelectual. Citaram que trabalharam com jogos online, no entanto, não mencionaram nem seus nomes, nem suas plataformas, o que nos leva a crer que não houve planejamento nesse processo de inclusão digital.

Ainda foi apurado que os professores da sala regular, mantem um bom diálogo com o professor de apoio, esse diálogo precisa ser fortalecido cada vez mais, pois é o PA que auxilia o professor, e esse professor é quem deve direcionar as ações a serem desenvolvidas na sala de aula pelo PA para os alunos com DI.

3.2. Resultados de entrevistas a professores de Apoio

A seguir, analisaremos a entrevista direcionada aos professores de apoio, sendo categorizado como PA1, PA2, PA3.

Os desafios enfrentados na escola para trabalhar com inclusão

O papel do professor de apoio vem passando por mudanças no ambiente “educacional, as quais estão relacionados aos investimentos destinados aos serviços especializados e por conseguinte o sucateamento de profissionais com a formação mínima, resultando menor custo para os cofres públicos” (Santos, Pereira e Maciel, 2021, p.2). São desafios encontrados na maioria das escolas públicas brasileiras, mesmo sabendo-se que esse profissional se torna no processo de inclusão uma figura essencial. A esse respeito foi perguntado: “Quais foram os desafios enfrentados por você para trabalhar com inclusão nessa escola? Justifique”.

Foram as dificuldades de adaptações as aulas remotas tanto para o professor de apoio como para o aluno (PA1);

Sinto que o trabalho tem por objetivo observar e analisar os maiores desafios enfrentados em sala de aula onde os alunos inclusos são incluídos no ambiente escolar (PA2);

A falta de interesse dos alunos em aprender (PA3).

Analisando, as respostas dos professores de apoio, percebemos que há divergências de concepções. Segundo o PA1 um dos desafios, foi as adaptações que foram necessárias do ensino presencial, para as aulas remotas, enquanto o PA3 diz que foi a falta de interesse do aluno com DI, em aprender.

A participação do professor de apoio no planejamento do professor da sala do ensino regular

A atuação de professor de apoio à inclusão vem se constituindo em condição fundamental para os alunos com deficiências e em especial, a intelectual. O auxílio a esses alunos “tem levantado a discussão acerca da relação Educação Comum na Rede Regular e Educação Especial: envolve debate sobre a necessidade de desenvolver uma atuação articulada entre os diferentes agentes educacionais” (Freitas, 2013, p.22). Nesse entendimento, indagamos o seguinte: “Você participa do planejamento pedagógico do professor, emitindo opiniões a respeito da inclusão na sala de aula? De que forma”?

Sim, levando em conta as potencialidades e as necessidades de cada um (PA1).

A escola faz uma busca ativa com os alunos. A escola promove uma reunião pedagógica com o propósito de fazer com que o aluno se mantivesse assíduos nas aulas online (PA2).

Na escola, o professor de apoio tem o seu papel (PA3).

Nas falas dos entrevistados, ficou confuso se os professores de apoio PA2 e PA3, participam ou não do planejamento junto com o professor da sala regular. Apenas o PA1, afirma que sim.

O processo de inclusão

Incluir os alunos com deficiência intelectual, não é algo fácil, principalmente quando o ensino se dá através dos recursos tecnológicos levando-se em consideração as atualidades e pensamentos que perpassam pelo aprender e ensinar. Isto porque as características individuais do aluno com deficiência intelectual são riquezas abraçadas como matéria-prima dentro do ensino e do fazer aprendendo. Ainda assim, percebemos que existem dificuldades por parte da escola em incluir verdadeiramente, pois, significaria “s romper com o esquema tradicional em que todas as crianças fazem a mesma coisa, na mesma hora, da mesma forma e com os mesmos materiais” (Blanco, 2004, p. 293). Nessa direção, perguntamos: “Como se deu o processo de inclusão dos alunos que você acompanha, nas aulas online? Descreva”: Os recursos que foram adaptados foram os vídeos, onde havia legendas (PA1); Dificuldades de acesso à internet; falta de apoio da família (PA2); Através das atividades adaptadas (PA3).

Assim, de acordo com as falas dos entrevistados, o processo de inclusão se deu a partir da adaptação dos materiais, mas o (PA2), elencou esse processo foi árduo, pela falta de acesso à internet e do apoio familiar.

As dificuldades encontradas no processo do ensino com as tecnologias

É possível afirmar que existem barreiras no processo de inclusão, dificuldades até mesmo por parte da própria escola de compreender todo o processo histórico que essas pessoas trilharam até a sua inserção no sistema de ensino regular. O aluno com deficiência intelectual “tem uma maneira própria de lidar com o saber, que não corresponde ao que a escola preconiza” (Brasil, 2007, p. 22). Nesse sentido, indagamos aos professores de apoio: “Você teve alguma dificuldade em trabalhar com as tecnologias digitais durante as aulas on-line? Se possível explique”.

Sim, primeiramente em adaptar a metodologia de ensino a nova realidade sem muita preparação para abordar os conteúdos propostos com amplitude (PA1);

Não. Sempre mantínhamos interlocução com os mesmos para a garantia da eficiência entre família e escola (PA2);

As dificuldades foram trabalhar com a tecnologia proposta, pois não estávamos preparados para manusear essa ferramenta e os alunos muitas vezes não tinha o acesso necessário as tecnologias e a internet (PA3).

De acordo com a fala dos entrevistados, apenas o PA2, não teve dificuldades em trabalhar com as tecnologias.

A participação dos pais

O papel da família no processo de inclusão escola é fundamental. É ela que pode encorajar a aprendizagem do filho(a), ajudando nas suas eventuais dificuldades. Com o uso das tecnologias na mediação do ensino online, os pais tem destaque especial, sendo eles o organizador da rotina do filho na realização das atividades proposta pelo professor. Foi nessa ótica, que perguntamos: “Você teve a participação dos pais durante o processo das aulas on-line? Descreva”:

Sim. A maioria dos pais conseguiram reajustar sua rotina familiar para auxiliar seus filhos (PA1);

A família mantinham-se totalmente envolvida (PA2);

Infelizmente a participação dos pais não foi satisfatória, a maioria é omissa na educação dos filhos (PA3).

Na coleta realizada, apenas o PA3, não contou com a participação da família no processo de ensino online.

A formação acadêmica dos professores de apoio

A qualificação dos professores de apoio a inclusão está relacionada com a sua formação inicial, viabilizada no Ensino Superior, por meio das Universidades/Faculdades, o qual precisa ser aprimorada na formação continuada de preferência *in lócus*. Quanto a isso, Silva et al., (2010, p. 71)), destaca que na formação do professor de uma forma geral deve tratar, “ com solidez dos aspectos gerais que permeiam a educação especial permitindo que estes, percebam na sua prática de docência as necessidades especiais de seus alunos, assim como compreendam a educação inclusiva a partir de um olhar inclusivo”, principalmente quanto a questão do uso das tecnologias, sendo estas, assistivas ou não. A esse respeito, perguntamos: “A sua formação acadêmica lhe preparou para trabalhar com as

tecnologias? Comente”:

Não. As novas tecnologias com certeza abriram novas possibilidades para a formação de docentes, facilitando o acesso ao conhecimento, no entanto não temos a disciplina de tecnologias na grade curricular (PA1);

Sim. Tivemos muito mais condições em aprimorarmos nossas práticas em sala de aula com o uso da tecnologia digital como instrumento eficaz (PA2);

As aulas online foi uma grande novidade para todos os docentes, pois durante a graduação não fomos preparados para essa modalidade de ensino. A maioria dos docentes não tinham familiaridade com as tecnologias.

Assim diante do foi coletado, apenas o PA2 afirmou que com o ensino com as tecnologias, oportunizou aos professores a aprimorar as suas práticas. Para o PA1 e o PA3, não tiveram formação para usar as tecnologias.

Nessa mesma ótica, perguntou-se: “Você se sente preparada para trabalhar com a inclusão mediada pelas tecnologias? Justifique”.

Sim. Hoje consigo adicionar ao meu planejamento, algumas ferramentas de tecnologia assistiva como programas que ajudam na comunicação e na inclusão dos alunos com necessidades especiais (PA1);

Sim. Alguns tiveram dificuldades do acesso, mas outros avançaram muito no que diz respeito a ferramenta digital (PA2);

Após o período das aulas online se fez necessário a preparação e a adaptação de uma nova forma de ensinar. Agora, depois desse período de dificuldades e adaptação, mas também de grande aprendizado. Estamos preparados para trabalhar com a inclusão através das tecnologias (PA3).

Segundo os pesquisados, se sentem preparados para trabalhar com as tecnologias.

As ações desenvolvidas pelo professor de apoio para os alunos

No ensino online, as atividades escolares precisam ser diferenciadas, ao invés de atividades xerocadas, ou jogos manuais confeccionados pelo professor, mas, as atividades precisam ser realizadas adaptações. Nesse tipo de ensino, é preciso o professor pesquisar e escolher os melhores softwares ou sites que possam suprir as necessidades de cada aluno com deficiência. A esse respeito, Sasaki (2009, p. 41) afirma que,

Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da via.

Pensando nessas palavras foi feita a próxima pergunta: “Quais ações você desenvolveu com os alunos inclusos no período do ensino online”?

Foram trabalhados programas, aplicativos, plataformas virtuais, jogos, portais e sites da internet, câmaras, retroprojetores. E os mais usados foram os formulários do google, o Meet, e o WhatsApp (PA1);

O uso de jogos educacionais, materiais lúdicos e ilustrativos, aprimoramento do texto e questões globais das percepções do texto e levantamento das habilidades dos assistidos (PA2);

Vídeo aula principalmente com as disciplinas que eles apresentam maiores dificuldades. Essas ferramentas de ensino utilizadas para contextualizar melhor os conteúdos (PA3).

Com base nas respostas podemos compreender que os entrevistados utilizaram diferentes ferramentas tecnológicas para mediar as aulas online, apenas não indicaram quais aplicativos, quais plataformas e sites podem ser utilizados para a escola e a família trabalharem as dificuldades do aluno com DI.

Aprofundando ainda mais esse assunto, indagamos: “Quais softwares você usou para as aulas on-line com os alunos inclusos”? O google, o WhatsApp e o Meet (PA1); O Datashow e vídeos prontos para contextualizar o conteúdo (PA2); O google Meet e o WhatsApp (PA3);

Diante do que foi respondido, nenhum software foi utilizado, apenas algumas plataformas.

O preparo do professor de apoio pela escola para trabalhar com o ensino online

Ao adotarem o ensino movido pelas tecnologias ocasionada pela COVID 19, o papel da escola muda, reconhecendo-se que ela tem se apresentado como uma instituição que tem como preocupação cumprir metas, desvelando-se o discurso ideológico que ela utiliza, para uma instituição geradora de conhecimento capazes de formar pessoas capacitadas para atuarem no mundo tecnológico. No entendimento de Bacich e Moran (2018, p. 130): “Tornar o professor proficiente no uso das tecnologias digitais de forma integrada ao currículo é importante para uma modificação de abordagem que se traduza em melhores resultados na aprendizagem dos alunos”. Esse pensamento por si só revela a importância da formação do professor no que diz respeito ao uso dos recursos tecnológicos. Indagamos a seguir o seguinte questionamento: “A escola lhe preparou para saber trabalhar com a inclusão de forma online? Explique”:

Parcialmente, porque tanto a escola quanto nos professores de apoio, passamos por essa fase de adaptação e aprendizagem (PA1);

Fazíamos um plano de ação quinzenal para aliarmos o projeto curricular ao instrumento de ação, instrumento esse contava com aulas que seriam ministradas e linhas de aprendizagem a serem explorados (PA2);

A escola se empenhou ao máximo para nos auxiliar na medida do possível. Foi um período difícil que ninguém estava preparado para essa nova modalidade de ensino (PA3).

Nas falas dos entrevistados, fica evidente de que a escola mesmo auxiliando o professor, ela não estava preparada pra tal cenário.

O entendimento do professor de apoio sobre seu papel no processo de inclusão

O professor de apoio é o profissional dentro da escola responsável pelos por três pilares, como já dito anteriormente: A locomoção, a higienização e a alimentação. Portanto não são responsáveis pelas adaptações curriculares dos alunos que ele acompanha e nem pelas adaptações das atividades escolares. Nas aulas online, dentre esses três pilares, apenas a acessibilidade aos recursos tecnológicos torna-se de sua responsabilidade, que pode se dar através de conversa com o aluno ou com a família. Sua importância no processo de inclusão é tamanha, pois cabe a ajudar esse aluno a conhecer as tecnologias que o professor da sala regular utiliza, para suas necessidades educacionais, complementando dessa forma, o trabalho do professor da sala regular (Silva e Maciel, 2005). Nesse sentido, perguntou-se o seguinte: “Você considera que o papel do professor de apoio está politicamente bem definido? Justifique sua resposta”.

Sim, pois o profissional de apoio escolar não é um monitor ou um auxiliar do professor. Sua função é facilitar a acessibilidade do aluno com deficiência (PA1);

Parcialmente. Vejo como suma importância o aprimoramento de minha prática frente aos novos desafios que surgem em sala de aula: a aprendizagem. Desafio não no sentido pejorativo, mas sim uma situação a ser resolvida (PA2);

Em alguns pontos sim, como é o caso da formação geral e ampla das disciplinas exatas a serem exploradas e trabalhadas no contexto das TICs (PA3).

De acordo com as respostas dos entrevistados, apenas o PA1 entende que o papel do professor de apoio está bem definido.

Nessa mesma ótica, continuamos a indagar o seguinte: “Do ponto de vista profissional, você acredita que o resultado de suas ações desenvolvidas no ensino online atingiu os objetivos propostos no seu planejamento? Justifique sua resposta”. Acredito que parcialmente, pois obtivemos resultados satisfatórios nas avaliações interna e externas (PA1);

Sim, em alguns casos (PA2); sim, foi notado que alguns alunos tiveram dificuldades ao acesso, mas outros avançaram bastante no que diz respeito a ferramenta digital (PA3).

Diante das respostas, ficou evidenciado que os entrevistados PA2 e PA3 cooperaram entre si, relatando que seus objetivos foram alcançados. Enquanto que o PA1, afirma que foi alcançado parcialmente.

ANÁLISE FINAL

De acordo com o que foi analisado, ficou claro que um dos maiores desafios encontrados pelos entrevistados no ensino online foram as adaptações necessárias para que as aulas fossem ministradas a distância.

Em relação a participação do professor de apoio no planejamento pedagógico, foi apurado que esse profissional de alguma forma participa, contudo, um não consegue compreender a importância desse momento, e apenas participa de reuniões pedagógicas.

No que diz respeito ao entendimento por parte dos professores de apoio de como se deu o processo de inclusão dos estudantes que eles acompanham nas aulas online, ficou constatado que eles readaptaram as atividades, mas, perceberam a falta de acesso à internet por alguns alunos e ausência de apoio familiar, sendo considerados como dificultadores desse processo. Vale aqui mais uma vez enfatizar que, as adaptações das atividades, não é atribuição do professor de apoio, conforme o que determina as leis brasileiras.

Foi verificado que os professores de apoio, não tinham formação específica que os habilitassem para trabalhar com as tecnologias e nem as leis específicas que formação. No entanto, os mesmos sentiram-se preparados para tal. Percebemos uma grande confusão por parte desse profissional, em relação as terminologias: “online e híbrida”.

Foi constatado que as ações que os professores de apoio desenvolveram para os alunos inclusos no período do ensino online, se deram praticamente com uso de algumas plataformas, vídeos e alguns jogos educacionais. Todavia não foi citado quais foram esses jogos.

Evidenciou-se que o professor de apoio, não conseguem ainda compreender como se dá o processo de apreensão do saber dos alunos com DI, uma vez que foi pontuado a falta de interesse desse aluno em aprender.

Ficou claro que a escola se empenhou para preparar o professor de apoio para trabalhar com as tecnologias, no entanto, por ser uma fase de transição entre o ensino presencial o online, os professores encontraram dificuldades de adaptação.

Percebeu-se que os professores de apoio consideram que seu papel está parcialmente definido e acreditam que o resultado de suas ações no ensino online foi concretizado.

CONCLUSÕES

Os capítulos aqui reunidos buscaram, conjuntamente, relatar as conclusões sobre a temática Educação inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual, relatando quais as perspectivas desse tipo de ensino e seus desafios em tempos de pandemia.

Considerando a multiplicidade de possibilidades de abordagem desta temática, a pesquisa foi direcionada a fim de investigar se no ensino mediado pelas tecnologias aos alunos com deficiência intelectual foi benéfica para a sua aprendizagem escolar.

Nesse contexto, ao refazermos um pouco da história das pessoas com deficiência no Brasil e sua introdução no sistema de ensino regular, ficou evidente a percepção de uma problemática que envolve a falta de cuidado da escola, na preparação de seus professores para atuarem utilizando as tecnologias educacionais. No atual contexto, ficou claro que, o ensino online ainda é visto como um resquício de velhas práticas, requerendo mudanças de paradigmas, principalmente no fazer pedagógico do professor da sala de aula regular.

O isolamento social trouxe além do afastamento das pessoas do convívio no meio social, demonstrou também a fragilidade da formação docente, a falta de interesse da escola em trabalhar a verdadeira inclusão, processo esse complexo, principalmente quando não se quer enxergar a diversidade de saberes que compõe a escola como um todo.

Conceber a inclusão das pessoas com deficiência intelectual, significa questionar o modelo e identificar as possibilidades e os desafios de uma educação inclusiva, não somente no ensino presencial, mas no online, servindo de reflexão para uma atuação voltada às dificuldades que esse indivíduo possui, ofertando a esse, os mais variados tipos de recursos tecnológicos, que capazes de melhorar suas limitações cognitivas. No entanto apesar de ser essencial a inclusão das tecnologias no processo de ensino aprendizagem, é possível afirmar que a maioria dos professores não possuem essa habilidade, passando a utilizá-las apenas com recursos que não favorece a um ensino qualitativo, servindo apenas como plataformas interativas de mensagens. Esses recursos podem ser utilizados como um meio de comunicação e informação entre escola e família, mas para as pessoas com deficiência intelectual se

torna complexo, tendo em vista que a maioria desses alunos não são ainda alfabetizados, necessitando de um adulto, que realize suas atividades, o que não é o princípio da inclusão.

Nas plataformas digitais, existe inúmeros aplicativos/softwarewares que favorece além de melhor aprendizado, a inclusão desses alunos no mundo tecnológico, princípios esse defendido pela educação inclusiva.

Sabendo-se que essas pessoas em sua grande maioria não possuem sua autonomia desenvolvida, a família passa a ter um papel muito importante nesse processo. Para que isto aconteça, se faz necessário a implantação de políticas públicas educacionais, que prepare a instituição familiar a saber usar os softwares educacionais selecionados pela escola contemplado no Projeto Político Pedagógico, garantindo o acesso a essas tecnologias. Caso contrário, a inclusão das pessoas com deficiência intelectual no processo do ensino do online, se torna uma ação pedagógica neutra, utilizada apenas como uma prática que não contribui para o avanço da melhoria de suas aprendizagens.

Também é importante salientar que o professor de apoio exerce um papel fundamental no processo de inclusão, pois sem a sua participação, o professor da sala regular não conseguiria dar conta dos inúmeros aspectos que envolve a inclusão de uma forma geral. Para isto, o professor de apoio necessita bem qualificado ampliando suas atribuições regidas por leis, principalmente quanto ao uso dos recursos tecnológicos pedagógicos.

O professor precisa fazer de prática uma ação reflexiva, que permita-lhes perceber que é preciso estar atento as novas demandas sociais para que a sua ação se torne um diferencial dentro do espaço escolar, principalmente, refletir qual é a ótica da inclusão escolar.

Dessa maneira, ousamos pensar em uma prática significativa, em que os sujeitos aprendentes e com necessidades educacionais especiais, possam experimentar uma proposta revolucionária, um novo momento de aprendizagem, quebrando barreiras e apostando numa ação protagonista, na arte de aprender, com o uso de alguns softwares educativos que possibilitam um aprendizado mais eficaz. Nesse sentido, a mudança e postura crítica do professor do ensino regular frente a esse paradigma em que as tecnologias tem sido o cerne de todo processo social, apontou para em ensino ainda centrado numa prática que não tem

contemplado os alunos com deficiência intelectual, fruto de uma formação ainda ineficaz para se trabalhar com a inclusão das tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem para os alunos com deficiência intelectual.

Nessa trajetória, entendemos que a escola que se diz inclusiva, é aquela em que as diferenças são respeitadas, tornando-se imprescindível o emprego das tecnologias no ato da ação docente para contribuir para a percepção da realidade por meio de representações e significações que os sujeitos sociais atribuem, quando envolvidos em ações pedagógicas eficazes no contexto escolar.

Ao finalizarmos esse estudo, declaramos que os objetivos elencados nessa pesquisa, foram atingidos parcialmente, uma vez que os desafios encontrados no processo de inclusão permanece de alguma forma, obscuro nas mentes dos professores e que as estratégias que eles utilizaram para incluir os alunos com deficiência intelectual no ensino online foram ineficazes, ou seja, não contribuíram para melhorar a aprendizagem escolar.

Nessa investigação, encontramos elementos que apontam como o principal responsável pela inclusão, o professor de apoio, o qual direcionava sua ação para o atendimento individualizado, sem a participação do professor da sala regular do ensino médio.

Aponta-se ainda que a família em alguns casos contribuiu para o processo de inclusão das tecnologias digitais com seus filhos, mesmo sem esta, está verdadeiramente preparada para isso.

Nesse sentido, consideramos que se deve oportunizar para estudos posteriores, a temática: Como ocorrendo as atribuições do professor de apoio dentro das escolas inclusivas.

PROPOSTAS

As propostas desta dissertação estão direcionadas para todos os profissionais da educação que atuam com turmas de inclusão escolar com alunos com deficiência intelectual seja da escola pública ou privada, na zona urbana ou rural dos municípios, aos professores do Atendimento Educacional Especializados, aos Professores de Apoio à Inclusão, técnicos da Secretaria Municipal de Educação e todos que são dessa área, mais precisamente para o Estado de Goiás - Goiânia -Brasil, que serviu de campo para a presente investigação.

Diante dos resultados obtidos neste estudo, sugerimos algumas propostas a serem apreciadas no sentido de contribuir ainda mais com o uso das ferramentas tecnológicas no processo de inclusão escolar, que podem colaborar com a melhoria da aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual.

Essas propostas estão direcionadas a escola e a secretaria de educação do estado de Goiás,

- ✓ Criar Política de formação continuada para ampliar o conhecimento que o professor do ensino regular e do professor de apoio possuem, quanto ao uso das tecnologias digitais da Informação e Comunicação;
- ✓ Criar espaço de diálogo entre os professores da sala de aula regular com os professores de apoio à inclusão, para que juntos possam debater as verdadeiras atribuições de cada um;
- ✓ Ofertar a família momentos de diálogos e de formação quanto ao uso de alguns softwares/aplicativos que podem contribuir para um melhor aprendizado, em todas as disciplinas do currículo escolar.
- ✓ Dialogar com a família sobre as dificuldades que a escola passa para incluir, pautados nos princípios da igualdade, para a construção de estratégias que possam contribuir para vencer tais dificuldades.

REFERÊNCIAS

- Acco, S. C. (2014). A Participação da Família na Educação Escolar.in: *os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. Produções Didático-Pedagógica. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos_pde/pde/busca/produções_pde/2014/2014_unioeste_ped_pdp_silvana_crusaro_accopdf. Acesso em:29 de abril de 2022.
- Alvarenga, E.M.de., (2019). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa*. Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos. Assunção, Paraguai.
- Amaral, A. do., Nogueira, R. E. e Munhoz, R.H. (2014). Repositório Institucional UNESP. II Congresso Nacional de Formação de Professores. XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. *O uso do Geogebra no estudo da função quadrática*. São Paulo: UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/141829/ISSN2357-7819-2014-4274-4286.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de agosto de 2021.
- Andrade, M. M. (2009). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 8ª ed. São Paulo: Atlas.
- Antunes, C. (2005). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências: os jogos e os parâmetros curriculares nacionais*. Campinas: Papirus.
- APAE. (2022). *Associação de pais e Amigos dos Excepcionais*. Sobre a deficiência intelectual. Limeira - São Paulo. Disponível em: <https://www.apaelimeira.org.br/sobre-a-deficiencia-intelectual/-#:~:text=PRINCIPAIS%20CAUSAS%20DE%20DEFICI%3%8ANCIA%20INTECTUAL,reduzem%20%20capacidade%20do%20c%C3%A9rebro>. Acesso em 29 de abril de 2022.
- Bacich, L.; Moran, J.(2018). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso.

- Barbosa A. F. (coord.) (2014). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação.*, p. 45. Disponível em http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.
- Barth, R. (1990). *Inclusão e exclusão social. A personal vision of a good school.* Phi Delta Kappan, n. 71.
- Blanco, R. (2004). A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: Coll, C. et al., *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais.* 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 3v. p. 290 – 308
- Behrens, M. A.; Carpin, L. (2013). A formação dos professores de educação profissional e o desafio do paradigma da complexidade. In: Pryjma, M. (Org.). *Desafios e trajetórias para o desenvolvimento profissional docente.* Curitiba: Ed. UFPR.
- Bersch, R. (2008). *Introdução à Tecnologia Assistiva.* CEDI • Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil. Porto Alegre.
- Bersch. R. (2013). *Introdução à tecnologia assistiva.* CEDI (Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil). Porto Alegre.
- Bersch. R; Machado, R. (2007). *Atendimento Educacional Especializado - Deficiência Física.* Brasília: MEC/SEESP.
- Bersch R.; Tonolli, J. C., (2006). *Introdução ao Conceito de Tecnologia Assistiva e Modelos de Abordagem da Deficiência.* Bengala legal. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/tecnologia-assistiva>. Acesso em 26 de maio de 2022.
- Brasil. (1988). *Constituição Federal.* Promulgada em 5 de outubro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 27 de abr. de 2022.

- Brasil. (1989). *Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro*. Regulamente a Lei 7.853, de 24 de outubro. dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.
- Brasil. (1990). *Lei 8.069, de 13 de julho*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro.
- Brasil. (2001). Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*/ Secretaria da Educação Especial -MEC; SEESP.
- Brasil. (2006). *Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais / Organização: Ricardo Lovatto* Blattes 2. ed. – Brasília: MEC, SEESP.
- Brasil. (2007). *Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental - SEESP/SEED/MEC Brasília/DF*.
- Brasil. (2008). *Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência*. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva – Brasília: CORDE, 138p.
- Brasil (2008a). *Decreto nº 6.571, de 17 de setembro*. Brasília: MEC/SEESP.
- Brasil. (2009). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto: Declaração Universal dos Direitos Humanos*.
- Brasil. (2009). *Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas Tecnologia Assistiva*. – Brasília: CORDE. 138 p.

Brasil. (2015). *Lei 13.146, de 6 de jul.* Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-

2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 29 abril de 2022.

Brasil. (2016). *Comissão de Educação realiza palestra sobre o Ensino Híbrido.* Disponível

em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-ECULTURA/>

508122- ESPECIALISTA-DEFENDE-INTEGRACAO-DE-ENSINOPRESENCIAL-

E-ONLINE-PARA-PERSONALIZAR-EDUCACAO.html > Acesso em 29 de

agost. 2022.

Brasil. (2020). *Orientações para Retomada segura das atividades presenciais nas*

nas Escolas de Educação Básica no Contexto da Pandemia da COVID-19.

Brasília: MS. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://coronavirus.saude.gov.br/>

Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

Brasil. (2021). *Lei nº 14.254, de 30 de novembro.* Dispõe sobre o acompanhamento integral

para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com

Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Agência Senado.

Brasília.

Campoy. A. T. J. C. (2016). *Metodología de la Investigación científica: Manual para*

Elaboración de Tesis y Trabajos de Investigación. Assunción, Paraguay: Ed. Marben.

Campoy, A. T. J. (2018). *Metodología de la Investigación Científica.* Manual para

elaboración de Tesis y trabajos de Investigación. Asunción, Paraguay: Marben.

Castro, G. C. (2021). *Educação inclusiva em tempos de pandemia: desafios para a inclusão.*

Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 15 | N. 24 | Jun, pp. 275-290

[https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/10102/7577.](https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/10102/7577)

Acesso em 12 de maio de 2022

- Cintra, R., et al.; (2013). *As possibilidades de desenvolvimento da criança com Síndrome de Down por meio da dança*. Manaus: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Costa, Ch, S.; Mattos, F.R.P. (organizadores). (2016). *Tecnologia na sala de aula em relatos de professores*. – Curitiba: CRV. 202 p. (Série: Recursos Didáticos Multidisciplinares, v. 1).
- Declaração de Salamanca (1994): *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca-Espanha.
- Delville, J. et al. (1999). Promoção da saúde na educação especializada. In: Lepot-Froment, C. (Org.). *Educação Especializada: pesquisa e indicações para a ação*. Bauru: EDUSC. p. 193-209.
- Dencker, A. de F. M.(2000). *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 4. ed. São Paulo: Futura.
- Dias, V. B.; Silva, L. M. da. (2020). Educação inclusiva e formação de professores: o que revelam os currículos dos cursos de licenciatura? *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 16, n. 43, p. 406-429, Edição Especial.
- Dicicco-Bloom, B.; Crabtree, B. F.(2006). *The qualitative research interview*. Medical Education, v. 40, n. 4, p. 314-321.
- Flores, M. M. L. (2011). Políticas de Inclusão escolar em Goiás: o papel dos professores de apoio. In: *VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial*. Londrina de 08 a 10 novembro. Anais...Londrina, p.3709-3720.
- Freire P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, A. de O. (2013). *Atuação do Professor de Apoio à Inclusão e os Indicadores de Ensino Colaborativo em Goiás*. Tese mestrado. Catalão. Disponível em:

- https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/549/o/dissertacao_Adriana.pdf. Acesso em 12 de set. de 2022.
- Freitas, M. de J. Oliveira de.; Soecki, A. M. (2013). *O papel da Família no Processo de Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Regular*. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/211/pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2022.
- Galvão Filho, T. A. (2009). A Tecnologia Assistiva: de que se trata? In: Machado, G. J. C.; Sobral, M. N. (Orgs.). *Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade*. 1 ed. Porto Alegre: Redes Editora, p. 207-235.
- Garcia, T. C. M, (Orgs). (2020). *Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de atlas*. Natal: SEDIS/UFRN.
- Garcia, V.G. (2011). *As pessoas com deficiência na história do Brasil*. Bengala Legal. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/pcd-brasil>. Acesso em 23 de julho.
- Garcia, V. G. (2014). *Panorama da Inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no Brasil*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tes/v12n1/10.pdf>. Acesso em 15 de nov. de 2022.
- Gardner, H. (1994). *Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gentili, P. (2009). *O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7CLbgjQSMbW6Hx7t9wbQ4mn/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 de maio de 2022,
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas.

- Godoy, Arilda Schmidt.(1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.
Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. Disponível em: Acesso em: 15 mai. 2022.
- Goiás. (2006). *Resolução CEE N. 07 de 15/12/06*. Estabelece Normas e Parâmetros para a Educação Inclusiva e Educação Especial no Sistema Educativo de Goiás. Conselho Estadual de Educação de Goiás.
- Gomes, A; Fernandes, A; Batista, C; Salustiano, D; Mantoan, M. T. e Figueiredo, R. (2007). *Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado Deficiência Mental*. Secretaria de Educação Especial. SEESP / SEED / MEC Brasília/DF.
- Gomes, C. L. (org.). (2004). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ISO 9999: (2007). *Norma Internacional; classificação*. Disponível em: <http://www.unit.org.uy/misc/catalogo/9999.pdf>. Acesso em 29 nov. 2021.
- Kauark, F.; Manhães, F.C.; Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*-Itabuna: Via Litterarum.
- Knechtel, M. do R. (2014). *Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórica-prática dialogada*. Curitiba: InterSaberes.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. de A. (2010). *Fundamentos da metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2011). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- Lazzaretti, B.; Freitas, A. S. (2016). Família e escola: o processo de inclusão escolar de crianças com deficiências. *Caderno InterSaberes* | vol. 5, n.6, p.1-13| jan. dez.- ISSN 2317 – 692x.

- Leão, L. M. (2016). *Metodologia do estudo e Pesquisa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Lira, B. C. (2016). *Prática pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- López, O, C.; Tolêdo, J. H. D. de. (2011). *Informática aplicada à educação matemática*. 2. ed. Palhoça: Unisul Virtual.
- Lüdke, M. André, M. E.D.A. (2013). *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2 ed. Rio de Janeiro: EPU.
- Maia, B.B.; Dias, M.Á. de L.E.; (2015). *Educação inclusiva: o que dizem os documentos?* Olh@res, Guarulhos, v. 3, n. 1, p. 194-218. Maio. Disponível em:
file:///C:/Users/PMRecife/Downloads/ednamartins,+09+-+Artigo+360+-+Formatado+(2).pdf. Acesso em 13 de jul. 2022.
- Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?* São Paulo: Moderna. p. 13-20 e 27-34.
- Mantoan, M. T. E. (2005). Inclusão promove a justiça. [Entrevista concedida a] Meire Cavalcante. *Revista Nova Escola*. Maio/2005. Disponível em:
<https://novaescola.org.br/conteudo/902/inclusao-promove-a-justica>. Acesso em: 02 de maio. 2022.
- Manzini, E. J. (2005). Tecnologia assistiva para educação: recursos pedagógicos adaptados. In: *Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas*. Brasília: SEESP/MEC, p. 82-86.
- Marzari, G. Q. (2014). *Repensando a sala de aula a partir do letramento digital*. Revista Entretextos. v. 14, n. 2, p. 7-25.
- Mascarenhas, A. D. N.; Franco A, do R. S. (2020). *Reflexões pedagógicas em tempos de pandemia: análise do parecer 05/2020*. Olhar de Professor, vol. 23, Enero-Diciembre,

- ISSN: 1518-5648 1984-0187. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/684/68464195020/68464195020.pdf>. Acesso em 04 de maio de 2022.
- Mendes, R. (2020). *Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19: Um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais*. Instituto Rodrigo Mendes. Disponível em: <https://fundacaogrupovw.org.br/wp-content/uploads/2020/07/protocolos-educacao-inclusiva-durante-pandemia.pdf>. Acesso em: 23 de jul. de 2022.
- Mendonça A. A. dos S. (2020). *A educação inclusiva e as novas tecnologias*. Educação com (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Centro Cultural de Exposição Ruth Cardoso. CONEDU. VII Congresso Nacional de Educação. Maceió - Al.
- Michels, M. H. (2006). *Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar*. Rev. Bras. de Educação. set/dez; 11 (33); 406-423.
- Minayo, M. C. de L. (Org.). (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. Petrópolis: Vozes.
- Minetto, M. F. (2008). *O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio*. 2ª ed. Curitiba: IBPEX.
- Miranda, T. G.; Filho, T. A. G. (org.) (2012). *O professor e a escola inclusiva*. Formação, práticas e lugares. Editora Universidade da Bahia.
- Moran, J. M. (2012). *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campina, SP: Papyrus.
- Muller, P., Surel, Y. (2010). *A análise das políticas públicas*. (2a. ed.). Educat.
- Neto, A. de O. S. (2018). Educação inclusiva: uma escola para todos. *Revista Educação Especial* | v. 31 | n. 60 | p. 81-92 | jan./mar. Santa Maria. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>>Educação inclusiva: uma escola para todos.

Acesso em 29 de abril de 2022.

Nobre, F. E.; Sulzart, S. (2018). O papel social da escola. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, pp. 103-115, agosto. ISSN:2448-0959.

Nunes, M. R. A. da. (2020). *Wordwall*: ferramenta digital auxiliando pedagogicamente a disciplina de ciências. Patos, PB. Disponível em: https://repositorio.ifpb.edu.br/Bitstream/177683/1620/1/WORDWALL%20FERRAMENTA%20DIGITAL%20AUXILIANDO%20PEDAGOGICAMENTE%20a%20DISCIPLINA%20AUXILIANDO%20PED20DE%20CIENCIAS_Maria%20Rosinete%20Ayres%20Nunes.pdf. Acesso em 27 de julho de 2022.

Organização Mundial da Saúde. (1989). *Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (handicaps)*: um manual de classificação das consequências das doenças. Lisboa.

Oliveira, C. P. de.; Peres, J. O. e Azevedo, G. X. de. (2021). *Parceria entre escola e família no desenvolvimento do aluno durante a pandemia de COVID 19*. ISSN: 2675-4681 - REEDUC - UEG - v. 7, n. 1 jan/abril.

Oliveira, J. M. M. de. (2020). *As dificuldades docentes em tempos de Pandemia*.

Disponível: <http://www.abed.org.br/congresso2020/anais/trabalhos/58521.pdf>. Acesso em 30 de janeiro, 2022.

Padilha, P. R. (1998). *Planejamento educacional: a visão do Plano Decenal de Educação para Todos: 1993-2003*. 1998. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Pereira, J. de. A.; Saraiva, J. M.; (2017). *Trajectoria histórico social da população deficiente: da exclusão à inclusão social*. SER Social, Brasília, v. 19, n. 40, p. 168-185, jan-jun.

- Piovesan, F. (2013). *Direitos humanos e o direito constitucional internacional* – 14. ed., rev. e atual. São Paulo: Saraiva.
- Prieto, R. G. (2006). Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: Mantoan, M.T.E.; Prieto, R.G.; Arantes, V.A. (Orgs.). *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus.
- Prodanov, C. C.; Freitas, E. C. de (2013). *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale.
- Redig, A. G., & Mascaro, C. A. A. de C. (2021). *Formação docente na perspectiva da educação inclusiva pelo viés do Instagram*. *Educação*, 10(3), 133–144. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2021v10n3p133-144> . Acesso em: 08 de dez. 2021.
- Reis, A. S. A. (2020). *Inclusão escolar e Atendimento Educacional Especializado: compreendendo a percepção da comunidade escolar sobre o papel do Professor de Apoio* / 174 p.: il. Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11668/1/andreasilvaad%c3%a3oreis.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2022.
- Resende, L. M. G. de. (1995). *Relações de poder no cotidiano escolar*. Campinas: Papyrus,
- Rodrigues, J.M.C.; Santos, P. M. G. dos. (Orgs). (2020). *Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia [recurso eletrônico]* - João Pessoa: Editora do CCTA. Recurso digital (1,77MB) Formato: PDF Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader ISBN: 978-65-5621-095-7
- Rosa, J.; Cruz, D. M. (2019). *Planejamento de práticas pedagógicas com jogos digitais educativos*. Aprovado para apresentação no CIET: EnPED; UFSCar, agosto, mimeo.

- Rosin-Pinola, A.R.; Del Prette, Z.A.P. (2014). *Inclusão Escolar, Formação de Professores e a Assessoria Baseada em Habilidades Sociais Educativas*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 3, p. 341-356, jul.-set.
- Sá, E. D. (2002). *Inclusão Escolar*. Dicionário do professor: sistema de ação pedagógica – educação inclusiva. <MG. Secretaria do Estado de Minas Gerais> profissional-gestor. Acesso em: 5 de agosto. 2022.
- Sampieri, H. R; Collado, C.F; Lucio P.B (2006). *Metodología de la Investigación*. México: Mac Graw Hill.
- Sampieri, H.R, Collado, C. F.; Lucio, P. B. (2014). Desarrollo de la perspectiva *teórica*: revisión de la literatura y construcción del marco teórico. En *Metodología de la Investigación* (6ª ed., pp. 58-87). México: McGraw-Hill
- Santos, J. G. dos.; (2020). *O uso das tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino de Inglês*. IFPB, Cabedelo.
- Santos, K. B.; Pereira, L. de. L.; Maciel, A. S. P. (2021). Educação inclusiva: os desafios da atuação do profissional de apoio escolar. *Revista Educação Básica em Foco*, v.2, n.2, abril a junho.
- Santos, P. de O.; Balbino, E. S, (2015). *A inclusão e o processo de ensino-aprendizagem das crianças com deficiências*: metodologias e práticas dos professores. Disponível em: www.seer.ufal.br/index.php/cipar/article/download/1879/1380. Acesso em 33 de abril de 2022.
- Santos, T. dos.; Barbosa, R. da S. (2016). *Educação Inclusiva*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A.
- Sartoretto, M. L.; Bersch, R. (2022). *Cursos sobre Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa*. Promovidos pela Assistiva Tecnologia e Educação. Disponível em: <https://www.assistiva.com.br/curso01.html>. Acesso em 29 de maio de 2022.

- Sassaki, R. K. (2003). *Inclusão no lazer e turismo: em busca da qualidade de vida*. São Paulo. Aurea.
- Sassaki, R. K. (2009). *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA. Cap. 5 p.174-180.
- Saviani, D. (1991). *Escola e democracia*. 24. ed. São Paulo: Cortez.
- Saviani, D; Galvão, A. C. (2021). *Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto*. Universidade e Sociedade, n.67, p. 36-49. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d_1611672555.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.
- Schirmer, C. R. et al. (2007). *Atendimento educacional especializado: deficiência física*. Brasília, DF: Cromos.
- Silva, A. P. M. da.; Arruda, A. L. M. M.; (2014). O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. *Revista Eletrônica*. Saberes da Educação. Vol.5. nº 1.
- Silva, L. C. da; Dechichi, C.; Mourão, M. P (Org.) (2010). *Políticas e práticas de formação continuada de professores para Educação Especial: alguns olhares sobre os cursos de extensão “professor e surdez: cruzando caminhos, produzindo novos olhares”*. Uberlândia, MG: EDUFU.
- Silva, da K. (2021). *Jogos educativos*. Brinquedos e brincadeiras que ajudam na alfabetização. Disponível em: <https://psicogenese.hvirtua.com.br/jogos-educativos/> Acesso em 17 de agost. de 2022.
- Silva, K.F.W. da; Maciel, R.V.M. (2005). Inclusão Escolar e a Necessidade de Serviços de Apoio: Como fazer? *Revista do centro de Educação Santa Maria*. Santa Maria, n. 26.
- Souza, B. de. (2017). *Informática e educação matemática: desafios e possibilidades*. Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina. *Repositório Institucional UNISUL*. Disponível em: <https://riuni.unisul.br>. Acesso em 23 de novembro de 2022.

- Souza, F. F. de.; Valente, P. M.; Pannuti, M. (2015). O papel do professor de apoio na inclusão escolar. *XII Congresso Nacional de Educação*. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17749_7890.pdf. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Strieder, R; Mendes, R; Zimmermann, R. L. G. (2013) *Nas dobras e endobras da educação inclusiva: da igualdade para convivência com os diferentes*. Joaçaba: Editora Unoesc.
- Tartuci, D. (2011). Professor de apoio, seu papel e atuação na escolarização de estudantes com necessidades educacionais especiais em Goiás. In: *VII encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial*. Londrina de 08 a 10 novembro. Anais...Londrina, p.1780-1793.
- UNESCO. (1990). *Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien, Tailândia
- Vidal, F. A. (2005). A mais útil de todas as ciências. Configurações da psicologia desde o Renascimento até o fim do Iluminismo. In: Vilela, J. A. M; Ferreira, A. A. L; Portugal, F.T. *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zanella, L. C. H. (2013). *Metodologia de pesquisa* / Liane Carly Hermes Zanella. 2. ed. reimp. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC.134 p.: il.

APÊNDICES

APÊNDICE 1– CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA
COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda: Laura Cristiana Machado

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Campestre de Goiás - Goiás- Brasil, _____ de _____

Assunto: Coleta de dados para tese de mestrado

Senhor (a), Gestor (a),

A Universidade Autônoma de Assunção/Paraguai está em processo de realização do curso de Mestrado em Ciências da Educação. No momento, a instituição está iniciando a fase de construção das teses que representam requisito parcial para a conclusão do curso.

Para a realização da minha tese de mestrado, preciso realizar um estudo empírico sobre a Educação Inclusiva e o ensino online para alunos com deficiência intelectual, cujas estratégias metodológicas envolverão a aplicação de entrevista para o professor da sala regular com alunos inclusos e para o professor de apoio. A realização desse trabalho tem como objetivo geral, analisar como se deu a articulação entre inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino online, e a importância das tecnologias no processo emergente do ensino e da aprendizagem.

Essa pesquisa será realizada pela professora/cursista Laura Cristiana Machado, sob orientação do Prof. Dr. José Antonio Torres, cujo tema é “*A Educação Inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual: perspectivas e desafios*”, o que torna a escola sob sua gestão, contexto propício para construção de conhecimentos na área.

Nesse sentido, venho solicitar sua contribuição e autorização para o desenvolvimento dessa pesquisa nessa escola. Asseguramos que os aspectos de ordem ética – garantia de sigilo das entrevistas serão rigorosamente respeitados em todas as atividades propostas.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones (+5562) 9220-9920 ou pelo e-mail lauracristiana@gmail.com.

Atenciosamente,

Laura Cristiana Machado

APÊNDICE 2– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA
COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda: Laura Cristiana Machado

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a) Professor (a) _____, estamos convidando você a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada **“A Educação Inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual: Perspectivas e desafios”** que é o projeto de Mestrado em Ciências da Educação.

A pesquisa se torna pertinente tendo em vista que poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos de aprendizagem. Os objetivos destes estudos consistem em geral: Analisar como se deu a articulação entre inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino online, e a importância das tecnologias no processo emergente do ensino e da aprendizagem, e os específicos: a) Identificar as possibilidades e os desafios da educação inclusiva com o ensino online; b) Descrever as estratégias que o professor utilizou para incluir os alunos com deficiência intelectual no ensino online; c) Descrever o papel do professor no processo de inclusão no contexto da educação inclusiva; d) Identificar a contribuição do professor de apoio no auxílio aos alunos com deficiências intelectuais no ensino online, com acompanhamento e orientação do prof. Dr. José Antonio Torres.

Com relação aos benefícios, esta pesquisa possibilitará uma rede de trocas de experiências entre os (as) colegas com o objetivo de melhorar a aprendizagem de todos os alunos. Além de despertar o interesse dos (as) docentes por formação continuada específica para atender melhor esta demanda.

Caso o (a) senhor (a) autorize, o participante será parte do desenvolvimento de uma proposta de metodologia no ensino inclusivo, mediado pelas tecnologias que poderá contribuir como uma estratégia para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, que vai beneficiar tanto o professor quanto o aluno com deficiência e conseqüentemente a sociedade.

A participação não é obrigatória e, qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que ela estuda.

A pesquisa não prever qualquer forma de gasto e os (as) participantes tampouco serão remunerados (as) pela participação na pesquisa.

O presente TCLE foi impresso em duas vias iguais, sendo que uma via é destinada ao participante. Em caso de dúvidas, em qualquer momento do estudo a (o) participante poderá entrar em contato com a pesquisadora Laura Cristiana Machado pelo telefone Tel. (+5562) 9220-9920 ou pelo e-mail lauracristiana@gmail.com.

Laura Cristiana Machado

Eu _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima, de maneira detalhada e esclareci minhas dúvidas. De forma livre e voluntária, aceito participar da pesquisa: **A Educação Inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual: Perspectivas e desafios**. Sei que a qualquer momento poderei solicitar mais informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

Assinatura do (a) participante da pesquisa

Campestre de Goiás - Goiás- Brasil, _____ de _____

APÊNDICE 3: VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN****DIRECCIÓN DE INVESTIGACIÓN****MESTRADO EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

Mestranda	Laura Cristiana Machado
Orientador	Prof. Dr. José Antonio Torres

Campestre de Goiás - Goiás- Brasil, _____ de _____ 2022

Prezado (a) Professor (a),

Esta solicitação tem o propósito de solicitar **validação** dos instrumentos que serão utilizados na coleta de dados em minha pesquisa de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção – UAA, já verificados e liberados pelo professor orientador, e para os quais solicito a análise sobre a adequação das questões formuladas, a sua coerência e clareza.

As colunas que apresentam as siglas C (coerência), QT (qualidade técnica), e R (representatividade) deverão ser assinaladas com X em cada uma delas, caso atenda aos requisitos.

Caso haja dúvidas em relação a alguma delas poderá ser usado o espaço para observações, e se necessário descreve-las no verso da folha.

Os instrumentos são constituídos por formulários de entrevistas e serão utilizadas na coleta de dados da pesquisa.

Grato pelo apoio.

Laura Cristiana Machado

Título: Educação Inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual: Perspectivas e desafios

Objetivo Geral:

Analisar como se deu a articulação entre inclusão de alunos com deficiência intelectual e o ensino online, e a importância das tecnologias no processo emergente do ensino e da aprendizagem.

Objetivos específicos:

- Identificar as possibilidades e os desafios da educação inclusiva com o ensino online;
- Descrever as estratégias que o professor utilizou para incluir os alunos com deficiência intelectual no ensino online;
- Descrever o papel do professor no processo de inclusão no contexto da educação inclusiva;
- Identificar a contribuição do professor de apoio no auxílio aos alunos com deficiências intelectuais no ensino online.

INSTRUMENTOS POR OBJETIVOS		
OBJETIVOS	FONTES	INSTRUMENTOS
1 -Identificar as possibilidades e os desafios da Educação Inclusiva com o ensino online;	Professor da sala regular e professor de apoio	Entrevista
2 - Descrever as estratégias que o professor utilizou para incluir os alunos com deficiência intelectual no ensino online;	Professor da sala regular e professor de apoio	Entrevista
3 - Descrever o papel do professor no processo de inclusão no contexto da educação da educação inclusiva;	Professor da sala regular e professor de apoio	Entrevista
4 – Identificar a contribuição do professor de apoio no auxílio aos alunos com deficiência intelectual no ensino online.	Professor da sala regular e professor de apoio	Entrevista

ENTREVISTA – PROFESSOR DA SALA REGULAR
--

C = Coerência / QT = Qualidade Técnica / R = Representatividade

1. Como se sente como professor da sala regular com alunos inclusos?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
2. Como se deu o processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual no ensino online?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
3. Quais desafios você encontrou para mediar o saber por meio das tecnologias digitais no processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino online?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
4. Como se deu a participação da família no processo do ensino online dos alunos com deficiência intelectual?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
5. Como você vê a aplicação de investimentos na escola na formação do professor para trabalhar com as tecnologias digitais?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
6. Você possui formação para trabalhar com o processo de inclusão mediado pelas tecnologias digitais?	C	QT	R
Porquê?			
7. Você observou alguma diferença no comportamento do aluno com deficiência ou algum sinal de avanço no processo de desenvolvimento e aprendizado do mesmo, a partir da utilização das tecnologias no ensino online?	C	QT	R
Quais?			
8. Antes da pandemia da COVID 19, você utilizava algum tipo de tecnologia na sala de aula presencial, para adaptar o conteúdo para os alunos inclusos?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
9. Você utilizou algum(s) software(s) especial no processo do ensino on-line para os alunos inclusos?			
Qual(s)?	C	QT	R

10. Como se deu a articulação entre você o professor de apoio para o ensino online?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
11. Há lacunas existem na sua formação docente para trabalhar com a inclusão escolar mediado pelas TICs?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
12. Quais estratégias você utilizou para inserir os alunos com deficiências no ensino online?	C	QT	R
13. Você indicaria alguma metodologia para o professor de sala regular trabalhar com os alunos com deficiência intelectual utilizando as tecnologias disponíveis na escola?	C	QT	R
Qual?			

ENTREVISTA – PROFESSOR DE APOIO
--

C = Coerência / QT = Qualidade Técnica / R = Representatividade

1. Quais foram os desafios enfrentados por você para trabalhar com inclusão nessa escola? Justifique:	Resposta	C	QT	R
2. Você participa do planejamento pedagógico do professor, emitindo opiniões a respeito da inclusão na sala de aula? De que forma?		C	QT	R
3. Como se deu o processo de inclusão dos alunos que você acompanha, nas aulas online? Descreva:		C	QT	R
4. Você teve alguma dificuldade em trabalhar com as tecnologias digitais durante as aulas online? Se possível explique:		C	QT	R
5. Você teve a participação dos pais durante o processo das aulas online? Descreva:		C	QT	R

6. A sua formação acadêmica lhe preparou para trabalhar com as tecnologias? Comente:		C	QT	R
7. Você se sente preparado para trabalhar com a inclusão mediada pelas tecnologias? Justifique?		C	QT	R
8. Quais ações você desenvolveu com os estudantes inclusos no período do ensino online?		C	QT	R
9. Quais softwares você usou para as aulas on-line com os alunos inclusos?		C	QT	R
10. A escola lhe preparou para saber trabalhar coma inclusão de forma online? Explique:		C	QT	R
11. Você considera que o papel do professor de apoio está politicamente bem definido? Justifique sua resposta.		C	QT	R
12. Do ponto de vista profissional, você acredita que o resultado de suas ações desenvolvidas no ensino online atingiu os objetivos propostos no seu planejamento? Justifique sua resposta.		C	QT	R

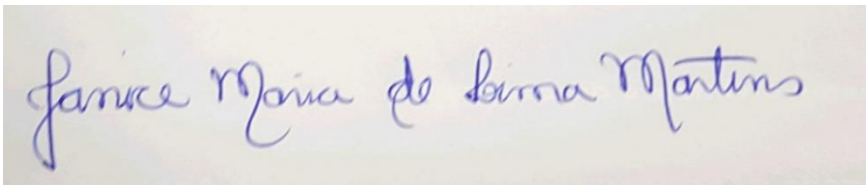
VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA CIENTÍFICA

Título: **Educação Inclusiva sob a ótica do ensino online para alunos com deficiência intelectual: Perspectivas e desafios**


Mestranda	Laura Cristiana Machado
Orientador	Prof. Dr. José Antonio Torres


1.DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Janice Maria de Lima Martins		
Formação	Doutorado em Educação		
Instituição de Ensino	Universidade Americana		
Local	Recife -Brasil	Data	12/04/2022

	
--	--

1.DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Mayara Paiva de Souza		
Formação	Doutora em História (Universidade Federal de Goiás)		
Instituição de Ensino	Seduca e SME-Goiânia		
Local	Trindade - Goiás	Data	11/10/2022
Assinatura do Avaliador	 BC3E71614C514D2...		

Nome completo	Prof. Doutor Kleber Branquinho Adorno		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidad Autónoma de Asunción		
Local	Goiânia-GO	Data	12/09/2022
Assinatura do Avaliador			

APÊNDICES 04: ENTREVISTA COM PROFESSORES DA SALA DE AULA REGULAR



FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda: Laura Cristiana Machado

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

ENTREVISTA PARA O PROFESSOR DA SALA REGULAR (ENSINO MÉDIO)

1. Como se sente como professor da sala regular com estudantes inclusos?

Comente: _____

2. Como se deu o processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual no ensino online? Descreva: _____

3. Quais desafios você encontrou para mediar o saber por meio das tecnologias digitais no processo de inclusão para alunos com deficiência intelectual no ensino online?

4. Como se deu a participação da família no processo do ensino online dos alunos com deficiência intelectual? _____

5. Como você vê a aplicação de investimentos da escola na formação do professor para trabalhar com as tecnologias digitais? _____

6. Você possui formação para trabalhar com o processo de inclusão mediado pelas tecnologias digitais? Por quê? _____

7. Você observou alguma diferença no comportamento do aluno com deficiência ou algum sinal de avanço no processo de desenvolvimento e aprendizado do mesmo, a partir da utilização das tecnologias no ensino online?

8. Antes da pandemia da COVID 19, você utilizava algum tipo de tecnologia na sala de

aula presencial para adaptar o conteúdo para os alunos inclusos?

9. Você utilizou algum (s) software(s) especial no processo do ensino online para os estudantes inclusos? Quais? _____

10. Como se deu a articulação entre você o professor de apoio para o ensino online?

11. Há lacunas existem na sua formação docente para trabalhar com a inclusão escolar mediado pelas TICs? _____

12. Quais estratégias você utilizou para inserir os alunos com deficiências no ensino online?

13. Você indicaria alguma metodologia para o professor de sala regular trabalhar com os alunos com deficiência intelectual utilizando as tecnologias disponíveis na escola?

Grata pela sua participação!!

APÊNDICES 05: ENTREVISTA COM PROFESSOR DE APOIO**FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN
Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN**

Mestranda: Laura Cristiana Machado

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

ENTREVISTA PARA O PROFESSOR DE APOIO

1. Quais os maiores desafios enfrentados por você para trabalhar com inclusão nessa escola? _____

2. Você participa do planejamento pedagógico do professor, emitindo opiniões a respeito da inclusão na sala de aula? _____

De que forma? _____

3. Como se deu o processo de inclusão dos alunos que você acompanha, nas aulas online? Descreva:

4. Você teve alguma dificuldade em trabalhar com as tecnologias digitais durante as

aulas online?

Se possível explique

5. Você teve a participação dos pais durante o processo das aulas online? Descreva:

6. A sua formação acadêmica lhe preparou para trabalhar com as tecnologias?

Comente:

7. Você se sente preparada para trabalhar com a inclusão mediada pelas tecnologias?

Justifique?

8. Quais ações você desenvolveu com os alunos inclusos no período do ensino

online?

9. Quais softwares você usou para as aulas online com os estudantes inclusos?

10. A escola lhe preparou para saber trabalhar com a inclusão de forma online?

Explique?

11. Você considera que o papel do professor de apoio está politicamente bem definido?

Justifique sua resposta.

12. Do ponto de vista profissional, você acredita que o resultado de suas ações desenvolvidas no ensino online atingiu os objetivos propostos no seu planejamento?

Justifique sua resposta.

Grata pela sua participação!!!